

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

Curso de Comunicação – Habilitação em Rádio e Televisão

Pedro Linhares Lopes

**JORNAL NACIONAL: ALTERAÇÕES ESTÉTICAS EM TEMPOS DE
COMUNICAÇÃO EM REDE**

São Paulo

2016

Pedro Linhares Lopes

**JORNAL NACIONAL: ALTERAÇÕES ESTÉTICAS EM TEMPOS DE
COMUNICAÇÃO EM REDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Rádio e Televisão.

Orientadora: Profa. Dra. Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva.

São Paulo

2016

PEDRO LINHARES LOPES

**JORNAL NACIONAL: ALTERAÇÕES ESTÉTICAS EM TEMPOS DE
COMUNICAÇÃO EM REDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Rádio e Televisão.

Orientadora: Profa. Dra. Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva.

São Paulo, _____ de _____ de 2016.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva.
(Orientadora)

Profa. Dra. Lourdes Ana Pereira Silva
(Docente interno)

Profa.
(Docente interno)

Conceito Final _____

*À minha mãe, Hilda, ao meu
companheiro, Eduardo, pelo apoio
constante na minha jornada. À minha
filha, Mirella, que me faz renascer a cada
dia e aos meus professores, que em
muito contribuíram para o meu
crescimento pessoal e profissional.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelas bênçãos, pela sabedoria, força e fé, e por não me deixar desistir nos momentos de aflição. E a minha orientadora, Júlia Lúcia, por compartilhar seu conhecimento e por seu auxílio indispensável na construção deste trabalho.

“A arte só oferece alternativas a quem não está prisioneiro dos meios de comunicação de massas”.

Umberto Eco

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o *Jornal Nacional*, telejornal exibido ininterruptamente desde o dia 1º de setembro de 1969 de segunda a sábado a partir das 20h30 pela Rede Globo de Televisão. As edições veiculadas no período compreendido entre 18 e 23 de julho de 2016 compõem o *corpus* de análise. A metodologia adotada é a pesquisa documental e bibliográfica que se baseia em contribuições de Henry Jenkins (2009), Silvia Borelli (2000), Alex Primo (2007), Raquel Recuero (2009) e Lúcia Santaella (2008). O objetivo deste trabalho é compreender o processo de mudanças estéticas no telejornal implantadas a partir de 27 de abril de 2015, por meio da análise de elementos como o tom e informalidade dos âncoras e repórteres durante a apresentação, participação e interação dos telespectadores por meio da incorporação da lógica das redes sociais digitais, os enquadramentos e movimentos de câmera e o cenário. O trabalho ainda apresenta uma breve retrospectiva histórica da televisão no Brasil, com ênfase no telejornalismo e no *Jornal Nacional* e, portanto, pretende contribuir para a discussão do telejornal no Brasil a partir da perspectiva estética, que em conformidade com o conteúdo em questão, tem a capacidade de interferir na experiência sensível do telespectador.

Palavras-chave: *Jornal Nacional*; sociedade em rede; estética; telejornalismo.

ABSTRACT

This research has as object of study the Jornal Nacional, television newscast exhibited uninterrupted from September 1, 1969 from Monday to Saturday from 8.30 pm by Rede Globo de Televisão. The editions published in the period between July 18 and 23, 2016 compose the corpus of analysis. The methodology adopted is the documentary and bibliographical research that is based on contributions of Henry Jenkins (2009), Silvia Borelli (2000), Alex Primo (2007), Raquel Recuero (2009) and Lúcia Santaella (2008). The objective of this work is to understand the process of aesthetic changes in television news from April 27, 2015, through the analysis of elements such as the tone and informality of news anchors and reporters during the presentation, participation and interaction of viewers through incorporation of the logic of digital social networks, camera framing and movements, and the setting. The work presents a brief historical retrospective of television in Brazil, with emphasis on television news and in Jornal Nacional and, therefore, aims to contribute to the discussion of television news in Brazil from the aesthetic perspective, that in accordance with the content in question, has the ability to interfere with the sensitive experience of the viewer.

Keywords: Jornal Nacional; network society; aesthetics; television news.

Lista de figuras

Figura 1 – Lolita Rodrigues, Homero Silva e Assis Chateaubriand na inauguração da TV Tupi em São Paulo	15
Figura 2 – Eleonor Bruno, Luiz Gustavo, Irene Ravache e Jofre Soares na novela <i>Beto Rockefeller</i> , em 1968	18
Figura 3 – A primeira sede da TV Globo, no Jardim Botânico	23
Figura 4 – Cid Moreira e Hilton Gomes no primeiro <i>Jornal Nacional</i> , em 1969 ...	31
Figura 5 – Sérgio Chapelin e Cid Moreira no <i>Jornal Nacional</i> , em 1972	35
Figura 6 – Cid Moreira e Celso Freitas no <i>Jornal Nacional</i> , em 1983	37
Figura 7 – Lilian Witte Fibe e William Bonner no <i>Jornal Nacional</i> , em 1996	40
Figura 8 – William Bonner e Fátima Bernardes no <i>Jornal Nacional</i> , em 1998	41
Figura 9 – William Bonner e Patrícia Poeta no <i>Jornal Nacional</i> , em 2011	44
Figura 10 – William Bonner e Renata Vasconcellos na estreia dela como âncora do <i>Jornal Nacional</i>	45
Figura 11 – Página oficial do <i>Jornal Nacional</i> no <i>Facebook</i>	52
Figura 12 – Página oficial do <i>Jornal Nacional</i> no <i>Globo.com</i>	53
Figura 13 – Página oficial do <i>Jornal Nacional</i> no <i>Twitter</i>	55
Figura 14 – <i>Prints</i> da repercussão no <i>Twitter</i> da falha de William Bonner no <i>Jornal Nacional</i>	56
Figura 15 – Edição especial em comemoração aos 50 anos da TV Globo no dia 24 de abril de 2015	59
Figura 16 – Edição com o novo cenário no dia 27 de abril de 2015	59
Figura 17 – Novo ângulo diagonal, 2015	61
Figura 18 – Interação entre Renata Vasconcelos e Maria Júlia Coutinho através do telão, em 2015	62
Figura 19 – <i>Jornal Nacional</i> na plataforma multimídia <i>Globo play</i>	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O TELEJORNALISMO NO BRASIL	14
2.1 Aspectos históricos – herança do rádio	14
2.2 O telejornalismo brasileiro	18
3 JORNAL NACIONAL – ANÁLISE DA ESTÉTICA AUDIOVISUAL DO TELEJORNAL.....	27
3.1 Estética audiovisual do telejornalismo	27
3.2 Década de 1960: a estética do telejornalismo referência nacional	30
3.3 A bancada e o videoteipe: 1970 a 1980	33
3.4 Jornalistas na bancada: 1990 a 2000	38
3.5 Redação em cena e 40 anos de <i>JN</i> : 2000 a 2010	41
3.6 Nova âncora do <i>Jornal Nacional</i> e quadro de recursos estéticos por década: 2010 a 2014	43
4 O CONSUMO DA INFORMAÇÃO EM TEMPO DE REDES SOCIAIS DIGITAIS E CONEXÕES MÓVEIS	48
4.1 O telejornalismo e as mídias sociais digitais	48
4.2 A estética e o contexto atual do <i>Jornal Nacional</i>	57
4.3 <i>Jornal Nacional: corpus</i> de análise.....	65
4.4 Quadro estético do <i>Jornal Nacional</i> de 2011 a 2015	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

No dia 27 de abril de 2015, o telejornal *Jornal Nacional* apresentou ao telespectador uma reformulação estética. O telejornal passou a explorar uma estética que resulta mudanças sensíveis na *performance* de apresentação e condução dos âncoras, no uso de uma fala e tom informais no trato dos âncoras com os repórteres, na composição do cenário, nos movimentos de câmera e na arte, entre outros recursos que dão forma ao conteúdo propagado.

O *Jornal Nacional*, exibido pela Rede Globo de Televisão, em seus 47 anos passou por diversas transformações até chegar ao formato atual caracterizado pela linguagem coloquial entre apresentadores e repórteres e o uso de diversos recursos tecnológicos. Um número abrangente das pesquisas e obras publicadas sobre o telejornal brasileiro de maior audiência se concentram no seu aspecto histórico, político ou no processo de eleição e edição dos fatos noticiados. Sem desconsiderar a relevância destas abordagens nos propomos nesta pesquisa, contribuir para a discussão do telejornal no Brasil a partir da perspectiva estética, que em conformidade com o conteúdo em questão (inserido em um período político, histórico e tecnológico), tem a capacidade de interferir na experiência sensível do telespectador.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é compreender o processo de mudanças estéticas no telejornal *Jornal Nacional* implantadas a partir de 27 de abril de 2015, por meio da análise de elementos como o tom e informalidade de âncoras e repórteres durante a apresentação, participação e a interação dos repórteres e telespectadores, os enquadramentos e movimentos de câmeras, o cenário e a incorporação da lógica das redes sociais digitais, como indicado anteriormente.

Neste sentido, o primeiro capítulo desta monografia apresenta uma breve revisão da história da televisão brasileira, destacando a construção de uma estética audiovisual de um veículo de comunicação que inicia suas atividades reproduzindo a estética, os padrões e formatos de produção do meio eletrônico de massa que o antecede, ou seja, o rádio. Tendo em vista o programa em análise, apresentamos o percurso dos telejornais na televisão brasileira iniciando como o primeiro que

estreou logo após a inauguração da televisão em 1950 (PATERNOSTRO, 1999). Destacamos o telejornal *Imagens do Dia* da TV Tupi e demais programas do gênero que surgiram posteriormente. A partir de 1965, destacamos o surgimento da TV Globo de Roberto Marinho, e seus noticiários como o *Tele Globo*, *Show da cidade*, *Manchetes*, *Ultranotícias*, *Jornal da Globo* e o *Jornal Nacional*.

No segundo capítulo, tratamos da estética na televisão e discutimos questões relacionadas com o telejornalismo. Optamos por construir uma linha do tempo, por meio da qual evidenciamos as transformações estéticas do *Jornal Nacional* desde a sua inauguração em 1969, essas reformulações são descritas objetivamente e organizadas em um quadro com recursos estéticos desde a década de 1960 ao ano de 2010.

No terceiro capítulo, buscamos evidenciar a relação entre o telejornalismo e as mídias sociais digitais, por meio das quais o telespectador contemporâneo tem a possibilidade de atuar de forma ativa no universo da comunicação e de certa forma no telejornal graças à incorporação dos recursos tecnológicos de disponibilização, compartilhamento de arquivos multimídias e das plataformas de interação, como as redes sociais digitais. Neste capítulo, realizamos a análise das principais alterações estéticas do *Jornal Nacional* do dia 27 de abril de 2015, momento em que é apresentada a nova reformulação ao telespectador.

Ainda no terceiro capítulo, analisamos a estética das edições do *Jornal Nacional* no período de 18 a 23 de julho de 2016, extraídas do site institucional da emissora, onde são evidenciadas a qualidade estética e os recursos tecnológicos implantados no telejornal e um segundo quadro com recursos estéticos do ano de 2011 a 2015.

Enquanto pesquisa bibliográfica, recorreremos a pesquisadores cujos objetos de estudo estão compreendidos em televisão, telejornalismo, estética audiovisual e comunicação em rede – cibercultura e interação.

Autores como, Silvia H. Simões Borelli e Gabriel Priolli (2000), Guilherme Jorge Rezende (2000), Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002), assim como o Memória Globo (2004) e dissertações e teses, foram fundamentais para

compreendermos a história da televisão e do telejornalismo brasileiro e também fazermos uma retrospectiva da história da Rede Globo e do *Jornal Nacional*.

Henry Jenkins (2009) nos faz entender sobre a convergência das mídias e o modelo transmídia da televisão. Lúcia Santaella (2008) traz esclarecimentos sobre o significado da palavra estética e sua relação com a comunicação e Alex Primo (2007) fala dos dois tipos de interação, a mútua e a reativa, nos dando possibilidade de compreender como a interação é feita no telejornalismo.

Partindo desta explanação, esta pesquisa se orienta a partir do seguinte problema: em que medida as reformulações estéticas realizadas em 2015 no *Jornal Nacional*, foram motivadas pelas alterações promovidas pela incorporação de tecnologias de comunicação e informação digitais e pelas possibilidades de atuação do telespectador como produtor e distribuidor de conteúdo?

Com base neste questionamento, este trabalho tem a proposta de observar se essas alterações no telejornal foram impulsionadas pela tensão desencadeada no processo comunicativo, no qual o telespectador tem a possibilidade de atuar como produtor de conteúdo e se após a emissora passar a disponibilizar seu conteúdo e a usar a interatividade como estratégia, ela poderia atrair o telespectador, assim captando ou mantendo uma audiência considerada significativa.

Em meio a essa hipótese, esta monografia pretende compreender quais os motivos que levaram o *Jornal Nacional* a fazer tal reformulação em abril de 2015 e fornecer informações relevantes para que outros pesquisadores possam aprofundar os estudos sobre a estética no telejornalismo.

2 O TELEJORNALISMO NO BRASIL

2.1 Aspectos históricos – herança do rádio

A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950 pelo jornalista Assis Chateaubriand¹. Segundo pesquisadora Ingrid Borges Duarte Pereira (2015), os estúdios eram precários e como havia poucos aparelhos de televisão, Chateaubriand mandou instalar 200 aparelhos em pontos de movimento da cidade de São Paulo, como a Praça da República (região central), para que o público pudesse assistir ao acontecimento e comprovar a existência da televisão.

O programa de estreia da TV Tupi Difusora, *TV na Taba*, foi ao ar por quase duas horas na base do improviso. Com apresentação de Homero Silva, participação de artistas como Mazzaroppi, Hebe Camargo, Walter Forster, Lima Duarte, Lolita Rodrigues e Wilma Bentivegna, textos de Dermalva Costa Lima e direção de Cassiano Gabus Mendes, enfim, a televisão era uma realidade (PEREIRA 2015, p. 5).

Quatro meses, em janeiro de 1951, entrava no ar a segunda emissora do país, a TV Tupi do Rio. O então novo meio de comunicação eletrônico não parou de se expandir até o final da década de 1950. De 1955 a 1961 foram inauguradas 21 novas emissoras, como explica Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento (2010, p. 21):

Em 1955, começa a funcionar a TV Itacolomi (de Belo Horizonte). Quatro anos depois é a vez da TV Piratini (de Porto Alegre) e a TV Cultura (de São Paulo). Em 1960, são inauguradas a TV Itapoan (de Salvador), TV Brasília, TV Rádio Clube (de Recife), TV Paraná, TV Ceará, TV Goiânia, TV Mariano Procópio (de Juiz de Fora), Tupi-Difusora (de São José do Rio Preto). E, no ano seguinte, seria a vez da TV Vitória, TV Coroados, TV Borborema (de Campina Grande), TV Alterosa (de Belo Horizonte), TV Baré, TV Uberaba, TV Florianópolis, TV Aracaju, TV Campo Grande e TV Corumbá.

¹ Filho de Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo e de Maria Carmem Guedes Gondim Bandeira de Melo, o jornalista, empresário e político brasileiro Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu em 4 de outubro de 1892, em Umbuzeiro, na Paraíba. Seu avô paterno, José Bandeira de Melo, era admirador do poeta e pensador francês François-René de Chateaubriand, e acrescentou Chateaubriand ao sobrenome dos filhos. Ainda criança, mudou-se com a família para Recife, Pernambuco. Começou a carreira no *O Correio da Manhã*, em 1917. Anos mais tarde, em 1924, assumiu a direção de *O Jornal*, iniciando assim o primeiro império da comunicação do país: Os Diários Associados, empresa que chegou a ter 28 jornais, 16 estações de rádio, cinco revistas e uma agência telegráfica. Faleceu em São Paulo, em 4 de abril de 1968.

Foto 1 – Lolita Rodrigues, Homero Silva e Assis Chateaubriand na inauguração da TV Tupi em São Paulo.



Fonte: (NETO, 2016)

A programação da televisão dos anos 1950 exibia diferentes gêneros na tentativa de encontrar uma linguagem própria. O teleteatro foi um grande laboratório para a teledramaturgia. A falta de recursos financeiros destinados às produções de cenários grandiosos e figurinos elegantes, exigia dos profissionais envolvidos criatividade. Pereira (2015, p. 7) explica a importância da telenovela na época:

A telenovela, no ar desde 1951, não tinha a duração nem a importância que passa a ter a partir dos anos 1960. O primeiro folhetim² eletrônico foi *Sua Vida me Pertence*, de Walter Forster na TV Tupi São Paulo. Os capítulos tinham apenas 15 minutos e eram exibidos duas vezes por semana.

² O folhetim nasceu do jornal impresso, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. Telenovela, assim denominada pela estrutura literária herdada do século XIX (PORTO E SILVA, 2015, p. 46).

Segundo a pesquisadora Vera Íris Paternostro (1999, p. 29), “muitos programas radiofônicos ganharam versão televisiva, entre eles os musicais – gênero bastante explorado naquela época. O telejornalismo era mais lido que ilustrado”.

A televisão ocupou um grande espaço no lar do brasileiro; com isso, as agências publicitárias começaram a fazer pesquisas de opinião para conhecer os hábitos de consumo do público e saber qual seria a melhor hora para veicular seus produtos. Para a medição da audiência³, em 1954, foi criado o Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa (IBOPE).

Pereira (2015) afirma que as emissoras veiculavam seriados norte-americanos no fim da metade do século XX. Na época, a programação das emissoras brasileiras começava ao meio-dia e se estendia madrugada adentro. O pesquisador Othon Jambeiro (2002, p. 53) define os anos 1950 como uma fase de experimentação e dá à década seguinte os créditos da consolidação da TV como meio de comunicação:

Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de ideias e de venda de produtos e serviços que é hoje.

Portanto, é na década de 1960 que a televisão assumiu definitivamente seu caráter comercial, dando início à guerra por verbas publicitárias (PATERNOSTRO, 1999). No mesmo período, foi instaurado o videoteipe⁴, uma fita magnética usada para gravação, edição e reprodução de imagens; o que, segundo o autor Sérgio Mattos (2002, p. 87), revolucionou a indústria da televisão, facilitando a busca pela perfeição, quase impossível de ser alcançada quando se faz ao vivo.

O uso do VT possibilitou não somente as novelas diárias como também a implantação de uma estratégia de programação horizontal. A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir

³ No rádio e na televisão, é um conjunto de pessoas que assistem a um programa ou o escutam em um determinado momento.

⁴ Fita de material plástico, bastante fina, que tem uma cobertura de partículas magnéticas, normalmente usadas para o registro de imagens televisivas ao passar por aparelho em que as partículas são ordenadas.

televisão rotineiramente, prendendo a atenção do telespectador e substituindo o tipo de programação em voga até então, de caráter vertical, com programas diferentes todos os dias.

O pesquisador Mário da Silva Costa (2001, p. 42), aborda a importância do videoteipe para a televisão:

A inovação permitiu que as fitas dos programas fossem copiadas e enviadas para outros centros televisivos brasileiros. O videoteipe era conhecido desde 1957, mas somente em 1960, quando foi comprovada a sua praticidade, passou a ser utilizado pelas emissoras, iniciando a fase da industrialização dos programas de televisão.

De acordo com levantamento realizado pelo Centro Cultural de São Paulo (2008), 80% das produções do eixo Rio-São Paulo eram enviadas às outras emissoras. Neste cenário, surgiu a TV Excelsior 10, inaugurada em São Paulo no dia 9 de julho de 1960. A emissora inovou e restabeleceu padrões que ecoam ainda hoje como a concretização de duas ideias: a de produção industrial do videoteipe e a formação de rede nacional, que até então não existia no sistema brasileiro.

Ao perceber o êxito das telenovelas, a TV Excelsior começou a produzir folhetins eletrônicos diários em sua programação, que até então eram exibidos duas ou três vezes por semana. Com uma maior frequência de exibição, aumentou consideravelmente a audiência. “A primeira telenovela a ser transmitida diariamente foi *2-5499-Ocupado*, de Alberto Migré, com Glória Menezes e Tarcísio Meira como protagonistas” (PEREIRA, 2015, p. 8).

Em 1964, a TV Tupi São Paulo ao ver o sucesso da concorrente, produziu *O Direito de Nascer*, telenovela que obteve um grande reconhecimento popular. Vale lembrar que foi inicialmente adaptada como radionovela e fez grande sucesso no ano de 1951. Com o tempo, o gênero se tornou indispensável para o telespectador, iniciando-se a massificação entre os brasileiros. Pereira (2015, p. 9) afirma que “mais tarde, em 1968, a estrutura narrativa do gênero foi renovada com o lançamento do anti-herói, na telenovela *Beto Rockefeller*, na TV Tupi”.

Segundo Mattos (1990), o folhetim eletrônico tornou-se um marco na história da televisão brasileira. A partir desse formato, as telenovelas passaram a receber

um maior investimento, resultando numa homogeneidade cultural⁵. Mas não só de entretenimento vivia a televisão brasileira nos anos de 1960, o jornalismo também conquista seu espaço na tela, como veremos a seguir.

Foto 2 – Eleonor Bruno, Luiz Gustavo, Irene Ravache e Jofre Soares na novela *Beto Rockefeller*, em 1968.



Fonte: (NOVELAS CLÁSSICAS, 2011)

2.2 O Telejornalismo brasileiro

Após a inauguração da televisão no Brasil, no dia seguinte estreou o primeiro telejornal, escrito por Rui Rezende minutos antes da transmissão. Segundo Paternostro (1999, p. 35) *Imagens do Dia* estreou na TV Tupi, canal 6 de São Paulo, em 19 de setembro de 1950.

Com locução *em off*, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e às dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som.

⁵ A homogeneidade, segundo o pesquisador Henrique Muzzio (2012), refere-se às igualdades culturais que existem entre os grupos culturais humanos. Gosto em comum, pensamentos em comum.

O pesquisador José Clovis Ferreira (2016) afirma que o telejornal *Imagens do dia* foi ao ar entre as 21h30 e 22h e existem controvérsias sobre quem poderia ter sido o primeiro apresentador, alguns estudiosos afirmam ter sido Ribeiro Filho, outros apontam Maurício Loureira Gama, e outros ainda citam Rui Rezende, mas o com o passar do tempo Loureira Gama tornou-se jornalista oficial do telejornal.

Ferreira (2016) aponta que as reportagens eram produzidas com câmeras Auricons de cinema com filme 16 milímetros. Dependendo da região do país em que fosse feita a reportagem, era preciso revelar o filme e levá-lo de avião até São Paulo ou Rio de Janeiro, onde ficavam os estúdios.

Recursos imagéticos como fotos e desenhos eram colocados em tapadeiras⁶ para ilustrar a fala dos apresentadores. Segundo o pesquisador Guilherme Jorge de Rezende (2000), os apresentadores saíam da bancada e mostravam aos telespectadores as imagens correspondentes à notícia, fixadas nas paredes do estúdio.

Para Rezende (2000, p. 106), os primeiros telejornais eram produzidos de forma precária e careciam de um nível aceitável de qualidade:

As falhas se originavam tanto das grandes deficiências técnicas quanto da inexperiência dos primeiros profissionais, a maioria procedente das emissoras de rádio. A repercussão dessas falhas na comunidade, no entanto, era muito pequena, pelo limitadíssimo número de pessoas que tinha acesso às imagens de TV. Possuir um televisor, naqueles tempos, simbolizava “regalia” e status, medido pelo número de televisinhos, cada vez mais crescente à medida que o hábito de ver televisão se espalhava.

O telejornal *Imagens do Dia* reproduzia em grande parte o modelo de noticiar herdado do rádio e suas notícias eram oriundas dos jornais impressos da época, como aborda o pesquisador Marcos Patrizzi Luporini (2007, p. 22):

A maior parte das notícias veiculadas no telejornal *Imagens do dia* era oriunda do noticiário de jornais impressos, pois não havia ainda uma equipe especializada para fazer a cobertura de acontecimentos e a produção apoiava-se no corpo jornalístico dos jornais *Diário de São Paulo* e *Diário da Noite*.

⁶ É um recurso usado para esconder tudo que se encontra na lateral ou ao fundo e também são usadas para a montagem do cenário.

O telejornal era apresentado de forma simples, Vida Alves (2008) e João Lorêdo (2000) afirmam que o locutor lia as notícias e as reportagens seguiam o formato que chamamos atualmente de nota ao vivo, ou seja, as imagens filmadas eram exibidas pelo cinegrafista, e o locutor, ao vivo, narrava os acontecimentos.

Segundo Rezende (2000), o telejornal *Imagens do Dia* foi exibido por pouco mais de dois anos, sendo substituído pelo *Telenotícias Panair*, em 1952, apresentado por Toledo Pereira, às 21 horas. Um ano e meio depois, este telejornal saiu do ar e foi sucedido pelo *Repórter Esso*, que foi líder de audiência até o final de 1968. O telejornal *Repórter Esso*⁷ foi o primeiro noticiário do sucesso no país, uma versão televisiva do radiojornalismo⁸.

De acordo com Paternostro (1999, p. 35) “Nos primeiros tempos da TV brasileira, como os anunciantes compravam os espaços, os programas recebiam o nome do seu patrocinador, como é o caso desse telejornal”. Ainda segundo a autora, o telejornal *Repórter Esso* foi lançado em 17 de junho de 1953, em São Paulo, apresentado por Kalil Filho, que tinha como patrocinador a *Esso Brasileira de Petróleo*. Um ano depois, o Rio de Janeiro ganha uma versão com Gontijo Teodoro. O jornal seguia a versão americana chamada de *Your Esso Reporter* e já incorporava uma linguagem mais peculiar ao meio que transmite sua mensagem através de sons e imagens, além de planos, sequências e movimentos de câmeras. Às oito da noite, o telejornal começava com a antológica frase: “*Aqui fala o seu Repórter Esso*” (PATERNOSTRO, 1999, p. 35).

De acordo com Rezende (2000), devido às dificuldades em se fazer coberturas externas, as notícias transmitidas pelos jornais eram feitas basicamente do estúdio. Em termos estético-visuais, todos os jornais eram semelhantes: cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador. O *Repórter Esso* se apropriou dessas características marcantes: “[...] a herança radiofônica e a subordinação total dos programas aos interesses e estratégias dos patrocinadores” (REZENDE, 2000, p. 106).

⁷ Foi o primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil que não se limitava a ler as notícias recortadas dos jornais, pois as matérias eram enviadas por uma agência internacional de notícias sob o controle dos Estados Unidos. Os locutores que fizeram maior sucesso no noticioso foram: Kalil Filho, Gontijo Teodoro, Luís Jatobá e Heron Domingues.

⁸ Para detalhamento sobre a história e a estética do radiojornalismo no Brasil, indicamos o livro: “E o rádio? Novos horizontes midiáticos” de Luiz Artur Ferraretto e Luciano Klöckner, 2010.

Pode-se observar a influência da estética radiofônica no telejornalismo, por meio de uma análise da última edição do *Repórter Esso* da Rádio Globo apresentada por Roberto Figueiredo, em dezembro de 1968⁹. Além dos locutores, a abertura e escalada – segundo Paternostro (1999), são frases de impacto sobre os assuntos que abrem o programa, as notícias são redigidas em frases curtas e diretas, assemelhando-se às manchetes do jornal impresso – eram feitas como hoje é visto nos principais telejornais brasileiros, porém com um ritmo acelerado, informe da hora, e não havia uma vinheta entre as manchetes e o texto das notícias. A pesquisadora Kelly Scoralick (2008, p. 9) fala da contribuição do *Repórter Esso* no rádio: “O *Repórter Esso* Introduziu um modelo de texto linear, direto, corrido, apresentando um noticiário ágil e estruturado, que ficou no ar durante 27 anos”.

O uso do ao vivo também é influência do rádio, pois é sabido que tal recurso confere credibilidade às transmissões dos fatos em seu desenrolar, portanto, sem processo de edição. De acordo com o pesquisador Luiz Artur Ferraretto (2011), geralmente, no rádio, havia somente um apresentador, enquanto que no telejornalismo desde o início há a predominância de dois apresentadores que não eram necessariamente jornalistas.

De acordo com Paternostro (1999), em 1951 estreou *Edição Extra* na TV Tupi de São Paulo, este, que foi o primeiro telejornal vespertino. Produzido por Maurício Loureiro Gama, lançou José Carlos de Moraes como o primeiro repórter de vídeo da televisão brasileira.

Segundo Pereira (2015), em 1963, a TV Excelsior lança o *Jornal de Vanguarda*, criado pelo jornalista Fernando Barbosa Lima. A origem dos que trabalhavam nos telejornais começa a mudar, pois grande parte desses novos profissionais vinha dos jornais impressos, e não mais do rádio, como os Jornalistas Villas-Bôas Correia, Millor Fernandes e Stanislaw Ponte Preta, e locutores como Luís Jatobá e Cid Moreira. Rezende (2000, p. 107) fala sobre a qualidade do *Jornal de Vanguarda*: “A qualidade jornalística desse noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais informativos [...]”.

⁹ A edição analisada nesta pesquisa do *Repórter Esso* está disponível no endereço localizado nas referências.

A pesquisadora Ana Carolina Felipe Contato (2015) fala que o *Jornal de Vanguarda* foi considerado inovador por trazer vários apresentadores ao invés de um só e romper com a linguagem radiofônica que predominava os telenoticiários brasileiros à época. O telejornal passou a dar notícias em um tom informal e, além disso, existia um personagem chamado “*Sombra*”, de Célio Moreira, que dava informações confidenciais em primeira mão.

Segundo Paternostro (1999), o modelo norte-americano no telejornalismo passa a ser adotado pelos brasileiros e dispensa-se a participação de jornalistas como apresentadores.

O telejornal ainda introduziu o colunismo na televisão, com comentaristas para diversos assuntos e passou pelas TVs Tupi, Globo, Continental e Rio quando foi retirado do ar pela censura de 1968 pelo Ato Institucional nº 5 (PATERNOSTRO, 1999, p. 35).

Segundo o Memória Globo (2004), o *Tele Globo*, primeiro telejornal da TV, foi lançado em 1965, no dia da estreia da emissora no dia 26 de abril. O programa tinha a duração de meia hora, criado pelo então diretor de jornalismo da emissora Mauro Salles e dirigido por Rubens Amaral, diretor-geral da TV Globo na época, fazia cobertura nacional e internacional. O telejornal era exibido em duas edições diárias, uma à tarde e outra à noite, com apresentação de Hilton Gomes – posteriormente apresentador do *Jornal Nacional* – e Aluizio Pimentel. “O programa era patrocinado pelas empresas Ultragaz e Ultralar e produzido pela agência de publicidade McCann Erickson” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 18).

Foto 3 – A primeira sede da TV Globo, no Jardim Botânico.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

O pesquisador Thell de Castro (2015) fala que no final de 1966, a edição diurna do *Tele Globo* foi substituída pelo *Show da cidade*, um boletim informativo sobre os problemas urbanos. No mesmo ano, foi lançado o noticiário intitulado *Manchetes*, apenas com uma edição, às 13h. o *Memória Globo* (2004) fala que no ano de 1967, foi lançado o *Ultranotícias*, em duas edições, mas este teve um período curto de veiculação, chegando ao fim em março do mesmo ano, devido à grande interferência de agência de publicidade. Em seguida, foi criado o *Jornal da Globo*, que tinha como editor-chefe José Ramos Tinhorão e como apresentador Luís Jatobá e Hilton Gomes, com exibição às 19h. O telejornal saiu do ar em 31 de agosto de 1969, sendo substituído pelo *Jornal Nacional*.

Roberto Marinho (2013) fala que na década de 1960, o jornalismo da emissora ficou marcado pela cobertura das enchentes do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1966. A TV Globo interrompeu a programação durante três dias. O apresentador Hilton Gomes chegou a entrar ao vivo de uma escada externa, mostrando imagens do alagamento da rua onde estava localizado o prédio da emissora, pois as transmissões ao vivo não eram muito comuns na época, por conta do tamanho e do peso das câmeras.

Segundo a pesquisadora Gabriela Neves (2016), apenas quatro anos após a inauguração da emissora, surgiu o primeiro telejornal em rede do Brasil, o *Jornal Nacional* que entrou no ar às 19h45 do dia 1º de setembro de 1969, durante os

chamados “anos de chumbo” do regime militar. Transmitido regularmente, ao vivo, para todo o país, o programa era apresentado por Cid Moreira e Hilton Gomes.

Foi na década de 1970 que a Globo definiu sua grade de programação e se consolidou como rede de televisão no Brasil. Segundo Paternostro (1999), o *Jornal Nacional* foi o primeiro telejornal a apresentar reportagens em cores e internacionais via satélite no instante em que os fatos ocorriam.

Para manter o nível do noticiário na altura do avanço eletrônico que possibilita a formação da grande cadeia, as notícias e comentários serão escritos por redatores selecionados e não será permitida a improvisação [...] (REZENDE, 2000, p. 110).

Segundo o pesquisador Conrado Moreira Mendes (2006), um dos grandes diferenciais trazidos pelo *Jornal Nacional* foram matérias testemunhais, com a fala dos entrevistados. De acordo com Armando Nogueira, diretor de jornalismo, na época, houve uma verdadeira evolução técnica relevante:

O que caracterizava nosso jornal era o som direto. O *Repórter Esso* não tinha som direto porque saía embalado da redação do *Jornal do Brasil*, onde funcionava a [agência de notícias] *United Press*, distribuidora do noticiário, tanto na época do rádio, quanto na da televisão. Saía de lá pronto, era só botar no ar. Gontijo Teodoro apenas lia. No nosso telejornal, além de imagens cobertas com áudio do locutor, inseríamos depoimentos, com voz direta, da pessoa falando (JORNAL NACIONAL, 2004, p. 34).

O *Jornal Nacional* nascia com o novo modelo de se fazer telejornalismo, com planejamento e produção rigorosos e como exemplo do progresso tecnológico nas comunicações. “As matérias deveriam ser de interesse geral e não regionais ou particularistas. Os assuntos tinham que chamar atenção tanto do telespectador de Manaus quanto de Porto Alegre” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 39).

O jornalismo da TV Globo se expandiu com a criação de novos telejornais. Segundo Thell de Castro (2016), o *Jornal Hoje*, que estreou no dia 21 de abril de 1971, é exibido no horário do almoço até os dias de hoje, com coberturas locais, nacional e internacional, e variedade de assuntos culturais. O *Jornal da Globo*, estreou em 04 de março de 1967, último noticiário da programação diária da emissora, começou a mostrar matérias mais analíticas e a apresentar comentaristas sobre os principais assuntos do dia. O primeiro telejornal local matutino da TV

Globo, o *Bom Dia São Paulo*, deu origem a telejornais similares em outros estados e ao próprio *Bom Dia Brasil*, exibido nacionalmente desde dia 3 de janeiro de 1983.

No mesmo ano, em 1973, ainda foram criados programas jornalísticos que também são exibidos até hoje: o *Globo Repórter*, formato que permite o aprofundamento das reportagens através da produção de documentários; e o *Fantástico*, revista eletrônica que une jornalismo e entretenimento, misturando reportagens, musicais, humor, quadros de mágica e dramaturgia. Segundo o Memória Globo (2004), Na mesma década, foi inaugurado o escritório da TV Globo em Londres, um reforço à cobertura do noticiário internacional. A equipe inicial era formada pela repórter Sandra Passarinho e pelo cinegrafista Orlando Moreira. Outro fato que merece ser destacado foi o espaço nos telejornais de rede que Brasília ganhou, em 1974, após a posse do presidente Ernesto Geisel. Surgiu assim o noticiário político e a cobertura do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e dos ministérios.

O padrão¹⁰ construído pela emissora – que incluía uma homogeneidade na programação e uma produção voltada para uma grande massa e para o nacional – cria obstáculos no caminho dessa nova configuração que exige, entre outras coisas, respostas às demandas regionais (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 88).

Em 1969, a TV Globo havia conseguido vencer a barreira do regionalismo, investindo numa produção centralizada no Rio de Janeiro. A pesquisadora Camila Guimarães (2006) afirma que só a partir dos anos de 1990 surgem os jornais denominados *Praça TV*, com o objetivo de dar mais espaço e identidade ao jornalismo regional: *SPTV* (de São Paulo), *RJTV* (Rio de Janeiro), *NETV* (Região Nordeste), *MGTV* (Minas Gerais) e *DFTV* (Distrito Federal). Os telejornais, além das notícias locais, apresentam reportagens ao vivo e matérias de serviço. Neste mesmo ano, estreou o *Bom Dia Brasil*, primeiro telejornal diurno exibido em rede nacional pela TV Globo; e o *Globo Rural*, primeiro programa jornalístico que retrata o universo no campo, apresentando notícias que interessam o agricultor, o programa é exibido aos domingos, a partir das 8h30 com a duração de 60 minutos.

¹⁰ Padrão de qualidade define-se por uma injunção de alguns fatores que podem ser historicamente observados. Trata-se de uma articulação entre padrão de produção, tecnologia e uma proposta específica, capaz de criar uma personalidade na programação aceita (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 79).

O histórico do jornalismo da Rede Globo é marcado por aprimorar suas reportagens, tanto no Brasil, como a cobertura internacional que fez com que aumentasse a participação dos correspondentes no exterior. De acordo com o Memória Globo (2004), na primeira década de 2000, a emissora ampliou o número de escritórios, com correspondentes na Argentina, Israel e Japão. Uma das maiores coberturas internacionais feitas pelo telejornalismo da Rede Globo no novo século foram os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos.

O Memória Globo (2004) afirma que atualmente a rede cobre 98,44% do território nacional, atingindo 5.485 municípios e 99,50% da população. A maior produção é jornalística, com um pouco mais de 62 mil horas por ano (média de 5.167 horas por mês), mas há cerca de outros 90 programas locais, em 12 gêneros diferentes (entrevista, culinário, educativo, rural, saúde, show, esporte e turismo), somando mais de 3 mil horas de exibição. São cerca de 650 equipes de reportagem nas emissoras e afiliadas. É a maior equipe de jornalistas do país, com mais de 3.000 profissionais.

De acordo com Roberto Marinho (2013), no Brasil, a cobertura de eventos especiais e de grande proporção nacional passou a ser destaque na programação da Rede Globo. Além da participação do público, que aumentou com a consolidação da internet. Pelas redes sociais digitais, os telespectadores passaram a enviar sugestões de pautas para os telejornais e programas da emissora.

Após essa breve retrospectiva da chegada da televisão, do telejornalismo no Brasil e da inauguração da TV Globo, iremos abordar no próximo capítulo o principal objetivo deste trabalho – a estética do telejornal *Jornal Nacional*. Para tal, após a definição do termo estética no audiovisual, traçamos uma linha do tempo para evidenciarmos a transformação deste, considerado um dos maiores telejornais do país.

3 JORNAL NACIONAL – ANÁLISE DA ESTÉTICA AUDIOVISUAL DO TELEJORNAL

3.1 Estética audiovisual do telejornalismo

O termo “estética”, segundo Lucia Santaella (2008, p. 34), “é a ciência da percepção, sinônimo de conhecimento através dos sentidos, ou seja, ciência do modo sensível de conhecer, dos tipos de conhecimento que a sensação, a percepção sensível, as redes de percepções físicas nos trazem”. Embora seja um termo recorrente e de difícil definição, a compreensão por meio de sua etimologia nos aponta caminhos para o entendimento de seu significado como explica Santaella (2008, p. 35).

Derivada do grego *aisthesis*, estética quer dizer, antes de tudo, sentir. “A raiz grega *aisth*, no verbo *aisthonomai*, quer dizer sentir, não com o coração ou com os sentimentos, mas com os sentidos, rede de percepções físicas”.

Embora quando pensamos em estética seja recorrente a associação destes às artes e ao belo, Santaella (2008) nos adverte e esclarece que o conceito não está ligado à questão artística, e sim que tudo pode ser considerado estética, isto vai depender de como esse fenômeno se apresenta e quais reações podem suscitar no sujeito. Até mesmo o fenômeno dos meios de comunicação de massa, em especial os eletrônicos consolidados durante o século XX e as chamadas mídias digitais presentes na internet têm uma estética. Tal fato nos permite analisar como os recursos inerentes de cada mídia são articulados tendo em vista a sua relação com sua audiência ou usuários.

Nesse sentido, quando nos propomos a analisar as alterações estéticas apresentadas pelo telejornal *Jornal Nacional* em 2015, estamos propondo observar como o mesmo se utiliza de recursos presentes na linguagem do audiovisual para desenvolver e manter uma relação com seu telespectador notadamente envolvido com outras fontes de informação. Os recursos explorados vão desde o cenário, enquadramentos e movimentos de câmera, o figurino, e a *performance (mise-en-scène)*¹¹ de cada apresentador que em conjunto desenharam um padrão orientado

¹¹ *Mise-en-scène* é uma expressão francesa que está relacionada com encenação ou ao posicionamento de uma cena.

pelo valor da beleza para ‘fisgar’ o telespectador, como explica Santaella (2008, p. 13):

Na medida mesma em que declinava no campo das artes, o valor da beleza, como superfície ou aparência que fisga e fascina os sentidos, migrava para o mundo da comunicação de massa, na publicidade e exemplarmente nas fosforescências de Hollywood.

O padrão de qualidade da Rede Globo foi sendo construído ao longo do tempo, e o valor de beleza sempre esteve presente, pois tal estética do programa tende a gerar uma proximidade e a despertar ou favorecer uma percepção de credibilidade do telespectador. Isso nos leva a pensar que o formato com o qual o telejornal é produzido é que faz com que haja essa proximidade com o telespectador.

[...] O *padrão global*, o linguajar telejornalístico adotado pela emissora que, partindo dos locutores em estúdio, alcançava as equipes de reportagem. O padrão almejado iria, no correr dos anos, casar-se a iniciativas de padronização visual também voltada aos repórteres e apresentadores, que receberiam orientações de uma consultora interna de moda. Também efetivar-se-ia uma padronização na produção de textos, com a consolidação de um estilo de redação das notícias (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 57).

O ‘padrão global’ pode encontrar sentido a partir da compreensão do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (2001), onde ele explica que a estética pode ser compreendida como a ciência do sentido, ou da sensação, cujo objeto maior é a arte, que provoca efeitos e sensações diversos no espírito humano. Hegel (2001) cita exemplos, como: admiração, maravilhamento, temor, repulsa, raiva, compaixão, etc. A intensa preocupação da produção do *Jornal Nacional* com aquilo que nomeamos de estética do audiovisual, como veremos mais adiante, parece encontrar sentido nesta reflexão já que impactar e conquistar o interesse são propósitos dos produtos midiáticos.

O pesquisador Luís Mauro Sá Martino (2007, p. 11) ao falar sobre a estética na comunicação destaca outro aspecto, que compreendemos como fundamental, ou seja, o caráter relacional do processo.

Estética da Comunicação é o ramo da teoria da comunicação que trata das relações existentes entre os indivíduos e as mídias, partindo da perspectiva de interação entre a consciência, seu mundo de vida e as mensagens.

Ao fazermos a ligação entre estética e os recursos tecnológicos, vimos que a cada surgimento de uma nova tecnologia, há uma mudança na percepção do telespectador. E essa transformação pode ser observada também no *Jornal Nacional*, que durante os 47 anos, ininterruptos no ar, realizou alterações na sua forma de narrar ou relatar os fatos para um telespectador cuja percepção é fortemente marcada pela expansão de seus sentidos (em especial os de distância – olhar e audição) por meio de sua relação com as mídias eletrônicas e digitais. Neste contexto, ver um telejornal assume novas dimensões, pois com as potencialidades inerentes às plataformas digitais em rede, além de ter acesso a outras ‘mídias’ para obter informações, o telespectador assume a postura ativa de produtor e distribuidor de conteúdo.

Tal contexto nos leva a pensar que essa mudança na estética do telejornal *Jornal Nacional* realizada em abril de 2015, tais como cenário, recursos gráficos, planos, movimentos de câmera e a linguagem coloquial dos apresentadores e repórteres, teve como objetivo captar e manter a audiência e isso pode ter acontecido porque a emissora percebeu o modo como o telespectador se relacionava com a tecnologia, sobretudo com a internet e as redes sociais digitais, de modo que exigia uma nova estética.

Podemos considerar o novo como as mudanças sensíveis, que podem ser usadas como estratégia para acionar a rede de percepções da audiência e nos fazem pensar que o objetivo do telejornal foi fazer um programa que se mantivesse com características onde qualquer pessoa pudesse identificar o programa mesmo com a adição de elementos novos, que geralmente são recursos tecnológicos ou bases materiais como a substituição da câmera 16 mm e a substituição do filme preto e branco pelo colorido na década de 1970, conforme abordado no capítulo um.

Há 47 anos no ar, o *Jornal Nacional* tem um histórico marcado por questões políticas (como as do período da ditadura militar, processo de redemocratização nos anos de 1980, do impeachment de 2016), pelo acirramento da competição por audiência ou pela incorporação de recursos tecnológicos de produção, veiculação e posteriormente com as tecnologias digitais de compartilhamento de conteúdos.

Portanto, o telejornal passa por significativas mudanças estéticas ao longo de sua história e uma delas ocorre em 2015 com a inclusão da tela de corpo inteiro.

Embora a proposta desta pesquisa seja a de observarmos e compreendermos as alterações estéticas ocorridas em 2015 no *Jornal Nacional*, optamos por construir uma linha do tempo evidenciando a transformação estética do telejornal desde a sua inauguração em 1969, pois entendemos que toda transformação é processual e tal compreensão nos permite observar com mais nitidez as estratégias estéticas mantidas e as alteradas. Portanto, a história do *JN* foi dividida em décadas para melhor compreensão e análise de sua estética, como apresentamos a seguir.

3.2 Década de 1960: a estética do telejornalismo referência nacional

A década de 1960 foi marcada pelo nascimento daquele que seria um dos telejornais de maior audiência do Brasil, o *Jornal Nacional*. Ester Hamburger (1998) diz que o *Jornal Nacional* apostou na agilidade e na rapidez da notícia curta, com um jornalismo *clean*, o jornal se impôs como um dos programas de maior audiência de nossa televisão, tornando-se referência nacional.

A pesquisadora Iluska Coutinho (2012, p. 52) afirma que “o *Jornal Nacional* é uma referência seguida pelas demais emissoras de televisão, que passaram a também investir em reportagem externa e no estabelecimento de programas jornalísticos diários”.

No início o *Jornal Nacional* tinha apenas 15 minutos de duração, sendo transmitido de segunda-feira a sábado. As edições eram divididas em três partes: local, nacional e internacional. As manchetes – em geral, curtas e fortes – eram lidas alternadamente por dois apresentadores de maneira rápida e ágil. Para se diferenciar do modelo consagrado pelo *Repórter Esso*, que sempre terminava com a notícia mais impactante do dia, o *JN* concluía o noticiário com informações leves, de conteúdo lírico ou pitoresco (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.33).

Segundo a Especialista em Redação Jornalística Camila Pérez Gonçalves da Silva (2009), não houve reunião para discutir a escolha do nome do novo telejornal. “*Jornal Nacional* surgiu naturalmente, uma decorrência do fato de que seria um programa jornalístico para alcançar todo o país” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.29).

Hilton Gomes abriu a primeira edição do *Jornal Nacional* anunciando: "O *Jornal Nacional*, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país". Cid Moreira encerrou: "É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite" (BORELLI; PRIOLLI, 2000, pp.51-52). Essas duas frases ficaram conhecidas e se mantiveram ao longo do tempo como tradição de encerrar o telejornal com uma matéria leve e a saudação.

Foto 4 – Cid Moreira e Hilton Gomes no primeiro *Jornal Nacional*, em 1969.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

Segundo o pesquisador Carlos Eduardo Lins da Silva (1985)¹², com o *JN* começa um novo estilo de apresentação visual; pretensioso, objetivo, requintado e frio, no qual o apresentador é formal, os efeitos especiais e os teipes são decisivos e inéditos no telejornalismo brasileiro. Ribeiro (2004, p. 62) aborda a transformação da linguagem do *Jornal Nacional*:

O texto do *Jornal Nacional*, apesar de manter um certo grau de formalidade, sempre buscou um tom coloquial e de fácil entendimento, se afastando da pomposidade, que até então caracterizava o telejornalismo.

¹² Autor de "Muito além do Jardim Botânico" e "O adiantado da hora", entre outros.

Suas transmissões eram em preto e branco até 1973, quando as reportagens do programa passaram a ser produzidas regularmente em filme colorido. A exibição do *Jornal Nacional* já era de segunda-feira a sábado, assim como ocorre atualmente.

“O percurso do telejornalismo ficou marcado, desde a sua origem, pela *dobradinha Jornal Nacional / telenovelas*” (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 50). Essa tática é usada até hoje pela Rede Globo, para manter e/ou aumentar a audiência da emissora.

Quando o *JN* foi ao ar pela primeira vez, o Brasil passava por uma reviravolta na política. O país seria entregue a uma junta militar sob a justificativa de que o então Presidente da República Costa e Silva passava por problemas de saúde. Além desse, outros assuntos tomaram destaque na estreia do *Jornal Nacional*, como as imagens inéditas da obra de alargamento da Praia de Copacabana no Rio de Janeiro, a morte do campeão mundial dos pesos pesados Rocky Marciano e o gol de Pelé, que garantiu a classificação da seleção brasileira para a Copa de 1970, no México.

Havia diversas dificuldades técnicas na produção do telejornal, como os equipamentos pesados de gravação em filme, câmeras que não registravam o som ambiente e o processo de revelação das películas. Ao longo do tempo, foram introduzidos equipamentos de tecnologia avançada para a realização do telejornal, dando mais praticidade ao trabalho da equipe e gerando novas possibilidades para as matérias. Tais recursos permitiram a reformulação do cenário do telejornal, seus planos e movimentos de câmera, cores e qualidade nas reportagens.

Os profissionais que apresentavam o *JN* na época, Hilton Gomes e Cid Moreira, eram locutores e liam os textos em uma bancada reta, de frente para as câmeras fixas, simulando, portanto, uma conversa direta com os telespectadores por meio de planos médios que captam o apresentador, conhecido também como plano americano. Por outro lado, havia um distanciamento físico entre os apresentadores e os telespectadores imposto pela bancada, como o tom de voz e uma pretensa imparcialidade na transmissão da notícia e na ausência de interação entre os apresentadores.

3.3 A bancada e o videoteipe: 1970 a 1980

Segundo a pesquisadora Karolina Dallegrove (2007), o *Jornal Nacional* ficou marcado por ser o primeiro telejornal transmitido em rede no país, como abordado anteriormente, primeiramente para o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Durante a década de 1970, a maior parte do telejornal era dedicada à cobertura internacional e ao esporte.

Segundo o portal Memória Globo (2004), buscou-se também formatar um padrão relativo ao texto: coloquial, de fácil entendimento e evitando regionalismos. Na década de 1970, os repórteres e locutores da emissora começaram a receber treinamento vocal para alcançar a padronização, tendo como base o português falado no Rio de Janeiro, com algumas restrições. Sobre isso, no entanto, os pesquisadores Ribeiro e Sacramento (2010, p. 115) ressaltam:

É importante sublinhar, entretanto, que não foi apenas por ser exibido em rede que o *Jornal Nacional* se diferenciou de outros telejornais. O telejornal adotava um conceito de jornalismo diferente. Era produzido para a família brasileira, reunida no ambiente doméstico, e usava uma linguagem mais direta e coloquial, bastante distante do modelo radiofônico dos primeiros programas, caracterizada por uma locução em voz grave e em tom sério. Suas manchetes eram, em geral, curtas e rápidas. O texto era lido alternadamente por dois apresentadores de forma ágil e dinâmica.

Portanto, nos anos de 1970, a Rede Globo já consolidava o seu 'padrão de qualidade' em suas produções, foi um período de desenvolvimento e apuro técnico. Como podemos ver anteriormente, a estética está ligada ao valor de beleza, como afirma Martino (2016) que o domínio estético está vinculado à fisiologia da percepção do sensível, que se aproxima da *mimesis*, da imitação produtiva, mas não necessariamente associada ao belo ou à capacidade de apreciar uma obra de arte.

A câmera de 16 mm saiu de cena e deu lugar às câmeras portáteis de videoteipe, que, segundo Borelli e Priolli (2000), propiciou à televisão maior racionalidade na esfera da produção, possibilitando a gravação antecipada de vários capítulos de um mesmo programa. Tal tecnologia permitiu um apuro, uma produção mais detalhada, portanto, alterou a estética.

O 'padrão globo' foi se consolidando e a qualidade estética passou a ser uma preocupação, partindo da escolha do cenário, dos locutores, das imagens e da

edição das matérias, assim se adequava ainda mais às potencialidades da linguagem televisiva.

Havia a preocupação com a escolha dos locutores desde os anos de 1960, quando a Rede Globo entendeu que a figura física do apresentador seria de grande importância para “segurar” a audiência.

A escolha dos locutores era cuidadosa. Homens de boa aparência e bonito timbre de voz eram estratégia para “segurar” o público feminino que estava nas novelas. Cid Moreira foi o escolhido para encarar o *Jornal Nacional*. Experiente (já havia se destacado no *Jornal de Vanguarda*) tornou-se a filosofia do programa por anos a fio (SILVA, 2009, p. 12).

Além da aparência do apresentador, a linguagem e a forma de narrativa, como uma boa dicção e entonações teriam uma função especial na dinâmica de atrair e manter a atenção do telespectador.

Mudanças tecnológicas significativas ajudaram a aprimorar o jornalismo da emissora ao longo dos anos de 1970. A utilização do *teleprompter*¹³ em telejornais e programas jornalísticos foi uma delas. Esse aparelho que fica em frente à lente da câmera, é formado por um jogo de espelhos acoplado à câmera de TV e permite que o apresentador leia o texto sem ter a necessidade de olhar para o papel na bancada. Segundo o pesquisador Marco Aurélio Silva (2005, p. 102), “a descoberta do *teleprompter* facilitou a leitura dos textos, ao mesmo tempo em que deu mais naturalidade à locução, com o apresentador falando diretamente para o telespectador”. Seu olhar fica direcionado para a câmera e passa ao telespectador um diálogo direto com o apresentador.

Hilton Gomes, em 1971, afastou-se do telejornal, sendo substituído por Ronaldo Rosa, que permanece apenas um ano na emissora. Em seguida, Sérgio Chapelin assume seu lugar, e ao lado de Cid Moreira, apresentaria o telejornal até 1983. Desde aquela época, até os dias atuais, a edição do telejornal aos sábados era apresentada por diferentes profissionais daqueles que ficavam na bancada de segunda a sexta-feira.

¹³ Um *teleprompter* ou teleponto é um equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exibe o texto a ser lido pelo apresentador.

Foto 5 – Sérgio Chapelin e Cid Moreira no *Jornal Nacional*, em 1972.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

De acordo com Memória Globo (2004), o *Jornal Nacional* começava àquela época a ser preparado às seis da manhã para a definição de pautas. Definidos os assuntos, a equipe saía para a rua carregada de câmeras, luzes e microfones. Naquele tempo, esses equipamentos eram pesados, e quase nenhum era portátil.

Em 1976, um salto tecnológico modificou a maneira de repórteres construir as matérias. A utilização de rolos de filmes e a edição das reportagens começaram a ser substituídos por um sistema eletrônico. As matérias, antes feitas prioritariamente com locução, para economizar película, passaram a privilegiar “(...) o formato narrativo do telejornalismo norte-americano, apoiado na *performance* de vídeo dos repórteres” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 91).

Ou seja, a edição das matérias torna-se ágil e o jogo de câmeras é frequente. Em uma mesma matéria passa a ser possível juntar áudio, imagens, VT's, e a fala do repórter ao vivo. Os repórteres seguem a linguagem, a narrativa, o formato e o modo como se portavam diante das câmeras.

Em 1978, o *Jornal Nacional* passou a utilizar novas tecnologias para edição dos programas, pois a edição do VT dava muito mais agilidade à operação do telejornalismo, evitando a perda de tempo com a revelação do filme.

Na década de 1970, o telejornal chegou a ter 80 pontos de audiência. Um massacre. Isso se explica pelas boas condições em que a Rede Globo cresceu durante os anos 70, transformando-se numa empresa quase monopolista (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 51).

A década de 1980 foi marcada por diversos acontecimentos tanto na Rede Globo, quanto no Brasil. O cenário político tomava um novo rumo, a democracia voltou ao país, a Constituição de 1988 garantiu a realização da primeira eleição para a presidência da República após 29 anos. O volume de notícias geradas nessa fase vivida no Brasil fez com que, em 1985, fossem criadas editorias especializadas no *Jornal Nacional*.

Com o final da ditadura em 1985, os telejornais tiveram liberdade de criar seu próprio formato, mas o *Jornal Nacional* preferiu manter a mesma dinâmica: apresentador, bancada, entradas ao vivo via satélite. De acordo com a emissora, a opção foi por investir na comunicação com o público menos esclarecido, assim valorizou-se o didatismo e a participação de comentaristas especializados.

Segundo Mattos (2002), em 1983, o *Jornal Nacional* já era o programa de maior audiência da televisão brasileira. Então, novamente a bancada do telejornal é modificada, desta vez Celso Freitas substitui Sérgio Chapelin e faz dupla com Cid Moreira.

Figura 6 – Cid Moreira e Celso Freitas no *Jornal Nacional*, em 1983.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

Em comemoração aos 15 anos do *Jornal Nacional* em 1984, uma edição com reportagens especiais foi exibida. O telespectador teve a oportunidade de relembrar a chegada do homem à lua, a descoberta da Serra Pelada no estado do Pará e as guerras travadas neste período.

Nessa época, a dupla de apresentadores do *Jornal Nacional* era formada por Celso Freitas (no telejornal desde o ano anterior) e Cid Moreira. Aos sábados, o telejornal era apresentado por Marcos Hummel. Dia também em que Léo Batista e Fernando Vanucci se revezavam no noticiário do esporte (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 92).

O *Jornal Nacional* estreia nova abertura e novo cenário em maio de 1989, ano em que Sérgio Chapelin retorna à bancada do telejornal. Os símbolos do programa deixam de ter moldura e passam a tomar todo o fundo do cenário, além disso, nesta fase do *Jornal Nacional* há reformulação com características dinâmicas e maior mobilidade para as câmeras, reforma da bancada e ainda com o predomínio da cor azul.

3.4 Jornalistas na bancada: 1990 a 2000

O quadro com a previsão do tempo foi criado em 1991, com a apresentação da jornalista Sandra Annenberg, a segunda mulher a participar do *Jornal Nacional*. Em 1988, Valéria Monteiro¹⁴ havia apresentado blocos de notícias no período das Olimpíadas do mesmo ano, além de fazer plantão aos sábados.

A transmissão ao vivo já era realizada entre continentes e essa possibilidade de se transmitir diretamente de qualquer lugar do mundo não provocou mudanças apenas na temporalidade do telejornal, no sentido de torná-lo mais síncrono aos acontecimentos noticiados por ele ou reduzir a necessidade do uso de imagens de arquivo¹⁵, mas também multiplicou a diversidade de espaços que servem de palco aos eventos narrados.

Em 1994, pela primeira vez, uma cobertura da Copa do Mundo é ancorada ao vivo do país-sede, os Estados Unidos. Com reportagens de Carlos Nascimento, as informações sobre a seleção brasileira eram apresentadas direto das cidades onde ela jogava.

No mesmo ano, o *Jornal Nacional* completa 25 anos e Cid Moreira encerra a edição com o seguinte texto, comemorando o aniversário: *O Jornal Nacional completa hoje 25 anos, foram sete mil e oitocentos dias testemunhando o que ocorreu de importante no mundo e no país para informar a milhões de brasileiros... Alegrias e tristezas, boas e más notícias andaram juntas nesse tempo todo no Jornal Nacional. Um quarto de século buscando o equilíbrio e a correção para ajudar o telespectador a entender o que acontece à sua volta. Este é o nosso dever e é o que vamos continuar levando às casas do país inteiro. Boa noite.*

A chegada do ex-diretor de redação do jornal *O Globo*, Evandro Carlos de Andrade para dirigir a CGJ, em 1995, fez o jornalismo da TV Globo seguir novos rumos. O jornalismo, segundo Memória Globo (2004), deu maior relevância às reportagens investigativas, intensificação das matérias de denúncias e fortalecimento do telejornalismo local e comunitário.

¹⁴ Jornalista, modelo, atriz e apresentadora de televisão brasileira. Foi a primeira mulher a apresentar o *Jornal Nacional* em 1992.

¹⁵ Na impossibilidade de transmitir imagens de algum local onde se passa a notícia, a tevê pode recorrer à imagens de arquivo para ilustrar a narrativa.

A emissora apostou na produção de série de reportagens, a fim de oferecer ao público uma abordagem mais profunda de assuntos, como: contrabando de armas, uso de agrotóxicos, reciclagem de lixo, situação do idoso, menores infratores, casas de jogos ilegais e drogas nas escolas. Um dos destaques foi a série *Caminhos do Brasil*, exibida em 1996, em que Miriam Leitão percorreu diferentes lugares do país para mostrar como a estabilização da economia havia impactado na vida das pessoas¹⁶.

Outro marco na história e estética do *Jornal Nacional* foi a substituição de Cid Moreira e Sergio Chapelin – dupla que havia se tornado a “cara” do *Jornal Nacional* – por William Bonner e Lillian Witte Fibe. Segundo Memória Globo (2004), o objetivo da mudança era colocar à frente do telejornal jornalistas profissionais, que pudessem atuar com a produção das matérias, assim poderia dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas.

Em 29 de março de 1996, são afastados da apresentação do telejornal Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Os históricos saem de cena anunciando o novo: “Dentro do processo de melhoria da qualidade de seu jornalismo, a Rede Globo muda, a partir de domingo, os seus telejornais e programas jornalísticos”. [...] O *Jornal Nacional* muda de formato, ganha mais agilidade, mais análise, opinião e editoriais apresentados por Cid Moreira (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 72).

¹⁶ A estabilização surgiu a partir da implantação do Plano Real e a sua moeda, o Real, que começou a circular em primeiro de julho de 1994.

Foto 7 – Lilian Witte Fibe e William Bonner no *Jornal Nacional*, em 1996.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

Em meio a essa mudança, foi realizada uma reformulação no cenário do telejornal, que ganhou em dimensões e recebeu a bancada em ângulo que visava dar características mais dinâmicas e maior mobilidade para a câmera no estúdio.

A pesquisadora Heidi Vargas (2015, p. 4) afirma que houve uma rejeição do público para com a jornalista Lilian Witte Fibe, que acaba deixando a bancada em 1998 e dar lugar à jornalista Fátima Bernardes. Formando com o marido, William Bonner, o “casal celebridade do jornalismo brasileiro” (GOMES, 2005, p.10):

O exemplo de casal feliz, bonito e bem-sucedido é uma peça fundamental na composição do território limpo, discreto, quase asséptico do programa. Durante todo o jornal, Fátima e Bonner permanecem sentados em suas bancadas, quase não gesticulam e nem falam entre si. O casal não ‘chama a atenção’, porque ali o espaço de protagonista parece ser reservado apenas para a ‘notícia’.

Segundo Memória Globo (2004), em toda a história do *Jornal Nacional*, a troca de apresentadores talvez tenha sido a mudança mais sentida pelo telespectador.

Além da manifestação não verbal, dando espaço para a comunicação do corpo, há uma alteração na bancada, agora sem ângulo reto separando os dois “O casal, William Bonner e Fátima Bernardes, inaugurou outra forma de apresentação do telejornal, discretamente valorizaram a interação dos apresentadores na bancada, mesmo que não explicitassem verbalmente, era possível ver nos olhares e meneios de cabeça a desaprovação ou indignação com a notícia veiculada” (REZENDE, 2000, p. 133-142).

Foto 8 – William Bonner e Fátima Bernardes no *Jornal Nacional*, em 1998.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

3.5 Redação em cena e 40 anos de *JN*: 2000 a 2010

Em 26 de abril de 2000, nas comemorações da emissora, o telejornal deixa o estúdio tradicional para ter sua bancada posicionada a poucos metros acima da redação. Segundo Vargas (2015), a bancada ganhou monitor de LCD¹⁷ e computadores e ao fundo painéis de 12 metros de largura formavam o *mapa-mundi*.

¹⁷ É um painel fino usado para exibir informações por via eletrônica, como texto, imagens e vídeos.

Nela, a redação sempre está ao fundo e uma tela de plasma reforça as principais imagens do dia à medida que o apresentador fala.

Outra inovação daquele ano foi a entrada do repórter Heraldo Pereira na apresentação do *JN*. Segundo o Memória Globo (2004), era o primeiro jornalista negro a ocupar a bancada. Heraldo estreou no dia 23 de novembro, ao lado do apresentador Renato Machado. A dupla era escalada para os rodízios de sábado.

Em 2005, um grande globo terrestre, todo azul, mas fatiado na horizontal é posicionado nas costas dos apresentadores acima da redação e foi criado mais um telão complementar. Em sobreposição parcial do globo, flutua o logotipo *JN*. Aos 50 anos da emissora a bancada ficou mais ampla, o cenário maior e com iluminação que o representava de forma mais claro.

Vale lembrar uma edição do dia 07 de julho de 2005, dia em que a principal pauta do telejornal foi o ataque islâmico a Londres. A escalada é feita com entradas dos repórteres em *videoteipes* direto da capital da Inglaterra. Após a abertura, a câmera parte da redação, vai até o mezanino onde estão os apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes. O telespectador, depois desse passeio da câmara, fica à altura deles, no mesmo ângulo, conseguindo visualizar ao fundo e mais abaixo os tantos sujeitos da redação em suas atividades de trabalho.

Apesar das inovações, a estrutura do telejornal ainda é bastante semelhante ao do tempo em que foi criado no final dos anos de 1960. Rezende (1985, p.118-119) faz uma análise do *Jornal Nacional* mostrando que sua morfologia se manteve praticamente inalterada nos últimos vinte anos:

Exatamente no horário previsto [...] após a contagem de oito segundos patrocinada pelo “Unibanco”, precedendo a formação de rede nacional de emissoras, os locutores anunciavam as manchetes do dia. Depois das manchetes, havia um intervalo para comerciais [...]. Antes do primeiro dos quatro blocos de notícias, em que se dividia o telejornal, entrava o logotipo de abertura “Jornal Nacional”. Entre cada bloco, reservava-se um minuto para publicidade. No final de cada bloco, aparecia novamente o logotipo acompanhado de uma ilustração e legenda como “chamada” para a principal notícia do bloco seguinte.

Segundo o pesquisador Gustavo Abreu Dutra (2009), o número de blocos do *Jornal Nacional* varia entre quatro e cinco e a ordem de escalada, vinhetas e chamadas são as mesmas desde sua estreia na década de 1960. De fato as

alterações estéticas são sutis e arriscamos a afirmar que criteriosas, pois elas ocorrem na tensão entre manter as características identitárias do programa e a necessidade de incorporar novos recursos sem que comprometam a credibilidade e a identificação do telespectador. Se audiência é entendida como sustentabilidade comercial, a expectativa de toda alteração, inclusive a estética, é conquistar, manter e produzir experiências sensíveis relevantes. As mudanças no *Jornal Nacional* influenciam o formato de outros telejornais, tanto da Rede Globo, como de outras emissoras.

Em 2009, o *Jornal Nacional* completou 40 anos. Para celebrar a data, repórteres foram entrevistados por Fátima Bernardes e William Bonner na bancada do *JN*, numa homenagem a todos aqueles que ajudam a fazer o telejornal diariamente.

Em comemoração, o telejornal ganhou novo cenário e nova programação visual. Na edição do dia 31 de agosto de 2009, o *JN* começa com Fátima Bernardes apresentando o novo cenário direto da redação mostrando o novo telão onde iriam trazer imagens relacionadas ao tema tratado, enquanto William Bonner mostrava o cenário, a mesa adaptada a cada apresentador, computadores e o globo terrestre ganha movimento. William Bonner explica: “[...] Mas a novidade é que agora o globo gira, porque a terra gira e é assim que as coisas são. O tempo não para e o *Jornal Nacional* também não pode parar [...]”.

3.6 Nova âncora do Jornal Nacional e quadro de recursos estéticos por década: 2010 a 2014

Em 2011, o telejornal recebeu o Prêmio Emmy Internacional¹⁸, sendo o primeiro telejornal brasileiro a obter tal reconhecimento. No mesmo ano, Fátima Bernardes deixou o programa¹⁹ e, em seu lugar, entrou Patrícia Poeta. A parceria entre Bonner e Fátima na bancada do *Jornal Nacional* durou 13 anos.

¹⁸ É um prêmio concedido pela Academia Internacional das Artes & Ciências Televisivas a programas televisivos que tenham sido produzidos e transmitidos fora dos Estados Unidos.

¹⁹ Fátima Bernardes deixa o *JN* para se dedicar a um novo programa matutino, o qual tem sua estreia no dia 25 de junho de 2012.

De acordo com o Memória Globo (2004), Patrícia Poeta permanece na bancada do *Jornal Nacional* até o fim de outubro de 2014. A sucessora, Renata Vasconcelos, tornou-se apresentadora do telejornal no dia 3 de novembro do mesmo ano.

Foto 9 – William Bonner e Patrícia Poeta no *Jornal Nacional*, em 2011.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

Renata Vasconcelos dividia as noites de domingo ao lado de Tadeu Schmidt no *Fantástico*, e é convidada a dividir a bancada do *Jornal Nacional* ao lado de William Bonner.

Mais uma vez, além dos apresentadores, o *Jornal Nacional* passa por alterações com a introdução de novos recursos tecnológicos. A bancada de traços *high-tech* é colocada sobre um mezanino à frente da redação, onde é instaurada a interlocução pretendida pelos jornalistas. O espaço é exibido na abertura do telejornal, pelo movimento da direita para a esquerda de uma câmera que passeia sobre a redação até enquadrar os apresentadores, e, no final, quando a ficha técnica começa a subir. No começo e no fim, os bastidores são mostrados em um movimento rápido, que dura cerca de 10 segundos.

Foto 10 – William Bonner e Renata Vasconcellos na estreia dela como âncora do Jornal Nacional



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

Segundo o Memória Globo (2004), no dia 2 de abril de 2012, o *Jornal Nacional* estreou o novo Mapa Tempo, com três cenários, para exibir a previsão do tempo, incluindo fenômenos que acontecem no mundo e influenciam o clima no Brasil. O quadro passou a mostrar imagens reais de enchentes, secas e outros fenômenos climáticos. Outro recurso do Mapa Tempo foi uma maquete eletrônica capaz de trazer em 3D todos os detalhes de um acontecimento meteorológico.

Buscamos evidenciar no quadro a seguir, as alterações estéticas ocorridas no telejornal *Jornal Nacional* desde a sua criação na década de 1960 até 2010 já descritas neste capítulo. O quadro está dividido em décadas, como uma linha do tempo com as principais alterações estéticas ocorridas durante esse período, como abordadas nos tópicos anteriores. Serão descritas, objetivamente, as modificações no cenário, o total de câmeras e seus movimentos, apresentadores, figurinos e suas *performances*, número de blocos, duração das matérias, dinâmica de abertura e reportagens, recursos gráficos e tecnológicos.

Quadro 1 – Principais alterações estéticas do *Jornal Nacional* de 1960 a 2010.

Recursos estéticos	Década de 1960	1970 a 1980	1990 a 2000	2000 a 2010
Cenário	Bancada; Imagens da antiga logomarca da TV Globo ilustrada ao fundo dos apresentadores.	Ganha mais uma parede, possibilitando o jogo de câmeras; telas ao fundo para exibição de imagens; os símbolos deixam de ter moldura.	Reformulação com características dinâmicas e maior mobilidade para as câmeras; bancada maior com destaque para o símbolo <i>JN</i> ao fundo.	Computadores e monitores na bancada; painel de 12 metros de largura formando um <i>mapa-mundi</i> . Globo terrestre fatiado na horizontal, logotipo <i>JN</i> flutua ao lado do globo; O globo terrestre gira; mesa adaptada a cada apresentador.
Câmeras	Duas câmeras – transmissão em preto e branco.	Duas câmeras – 16 mm	Três câmeras.	Quatro câmeras.
Movimentos de câmera e enquadramentos	Enquadramento: Close.	Plano americano.	Plano americano, plano aberto; zoom in.	Plano americano, plano geral.
Apresentadores	Dois Locutores: Cid Moreira e Hilton Gomes.	Cid Moreira e Ronaldo Rosa (1 ano); Cid Moreira e Sérgio Chapelin; Cid Moreira e Celso Freitas (1983); Marcos Hummel (sábados).	Dois jornalistas: William Bonner e Lilian Witte Fibe (Até 1998); William Bonner e Fátima Bernardes.	Dois jornalistas: William Bonner e Fátima Bernardes.
Figurino	Traje Social - terno e gravata	Traje Social - terno e gravata	Traje Social - terno e gravata	Traje Social - terno e gravata
Performance	Objetiva. Matérias lidas de maneira rápida e ágil, alternadas entre os apresentadores.	Padrão coloquial, evitando regionalismo. Voz grave e tom sério. Comentaristas especializados.	Interação implícita dos apresentadores.	Objetiva, interação, gestos implícitos.
Blocos	1 bloco de 15 minutos.	4 blocos.	4 blocos.	4 a 5 blocos
Matérias	Divididas em: local, nacional e internacional. Em média 57'.	Em média 57" a 1'30".	Em média 1'05". Em matérias especiais, até 2'50".	De 30" a 2'30" de acordo com a relevância do assunto.
Abertura	Escalada com as principais notícias do dia (gravada). Boa noite, seguindo com as notícias.	Escalada com as principais notícias do dia (gravada). Boa noite, seguindo com as notícias.	Escalada (gravada) seguida com as notícias e em seguida as matérias gravadas.	Escalada (gravada), notícias e matérias gravadas.
	Teipes com vídeos e imagens	Câmeras portáteis de	Reportagens em videoteipe	Entrada de repórter, ao vivo.

Reportagem	estáticas.	videoteipe. Glória Maria foi a primeira repórter a entrar no ar, ao vivo.	gravadas; Entradas ao vivo.	Série de reportagens.
Recursos gráficos	Ao fundo, a antiga logomarca da TV Globo.	Os símbolos do JN passam a tomar todo o fundo do cenário.	Fundo azul com logotipo JN.	Fundo azul
Recursos tecnológicos		<i>Teleprompter</i> , transmissão em cores, figurino, luz e cenário; câmeras leves e sensíveis, transmissores de micro-ondas, videoteipes e sistemas de edição; nova abertura, cenário e retorno de Sérgio Chapelin.	Jornalistas na bancada; quadro da previsão do tempo.	Do estúdio ao mezanino acima da redação; o globo terrestre ganha movimento;

Fonte: O autor (2016)

O uso da tecnologia para a composição do cenário já pode ser vista a partir do ano 2000, daí em diante, outros recursos tecnológicos foram utilizados nas reformulações do *Jornal Nacional*. Partindo desse princípio, o telejornal passa a utilizar formas de interação com seus telespectadores por meio de redes sociais digitais e plataformas de multimídia, que serão abordados no capítulo a seguir.

4 O CONSUMO DA INFORMAÇÃO EM TEMPO DE REDES SOCIAIS DIGITAIS E CONEXÕES MÓVEIS

4.1 O telejornalismo e as mídias sociais digitais

Ao realizarmos uma retomada no histórico da comunicação no país e constatarmos que a televisão é uma realidade há mais de sessenta anos, observamos, que por meio de tentativas e adaptações este meio de comunicação introduziu formatos, linguagem e tecnologia. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), a TV está presente em aproximadamente 97% dos lares brasileiros e se consolidou como um dos meios de comunicação mais importantes de informação.

O telejornalismo surgiu praticamente à mesma época da televisão e por inúmeros fatores sociais, políticos e culturais, atua como mediador da realidade, pois aborda acontecimentos do cotidiano. Silva (2009, p. 1) nos fala da importância do telejornalismo com o avanço da tecnologia:

O telejornalismo tem evoluído bastante desde o seu surgimento, e, junto com ele, a produção, os textos, as reportagens, a linguagem utilizada e, claro, a *performance* dos seus apresentadores. Com a evolução tecnológica e o uso frequente da internet como fonte para o telejornalismo, o acesso à informação tem se tornado cada vez mais homogêneo. Dessa forma, os telejornais apresentam praticamente as mesmas notícias.

Se por um lado a internet é uma ferramenta de fácil acesso às informações e funciona como banco de dados em constante atualização, em que o usuário pode acessar o conteúdo a qualquer hora (e é aonde a notícia chega primeiro), por outro, a televisão carrega a credibilidade da informação apurada, apesar de necessitar de cinegrafista, ilha de edição e profissionais para dar qualidade na produção de seus programas.

Uma pesquisa realizada pela empresa especializada PEW *Research Center for the People and the Press* – no período de 1 a 5 de dezembro de 2015, com 1.500 pessoas – revelou que cerca de 41% dos entrevistados declararam a internet como a fonte primária de notícias, enquanto que 66% acham que a televisão continua sendo a referência principal de notícias.

Em meio ao avanço tecnológico, a convergência das mídias permite que esses dados se cruzem e tanto a televisão quanto a internet caminhem juntos levando informações precisas a seus usuários. O estudioso Henry Jenkins (2009, p. 29) afirma, em seu livro, que:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam [...] é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.

A forma de consumir produtos midiáticos tem mudado de uma maneira que, atualmente, praticamente todas as emissoras do chamado canal aberto possuem e mantêm sites e contas em blogs e nas redes sociais como *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, por meio dos quais disponibilizam a programação que produzem, assim como informações técnicas, fotos, entrevistas e outros tipos de arquivos multimídia de inúmeros formatos e gêneros. Assim, a emissora passa a disponibilizar conteúdos e a usar a interatividade como estratégia para atrair o telespectador e enfrentar o desafio de manter a audiência.

No atual contexto, o telespectador que compõe a audiência, além de ter acesso às inúmeras mídias para se informar, não fica restrito ao simples papel de receptor, podendo assumir a postura de produtor e distribuidor de conteúdo graças aos recursos tecnológicos de comunicação e informação digitais em rede, à popularização dos dispositivos móveis com potencial para conexão à rede e à disseminação da navegação em alta velocidade na internet, a chamada *banda larga*²⁰.

Portanto, as transformações comunicativas promovidas pela intensificação do uso das tecnologias de comunicação e informação digitais em rede nos apontam para alterações não somente na estratégia de produção, formatação, apresentação, veiculação e disponibilização de conteúdos, mas também na forma de consumo e interação.

²⁰ Segundo matéria publicada pelo site UOL, a internet banda larga no Brasil ainda é cara e a qualidade é baixa.

Sobre interação, entendemos que tal conceito é complexo e de difícil definição, portanto, adotamos a perspectiva de Alex Primo (2007), segundo o qual sugere dois tipos de interação: mútua e reativa. De acordo com o autor a interação mútua é caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, na qual cada interagente participa da construção inventiva da interação, afetando-se mutuamente, enquanto a reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta.

A pesquisadora Raquel Recuero (2009. p. 24) conceitua rede como “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. A autora prossegue com o conceito de rede e complementa abordando as redes sociais:

A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais, nem suas conexões [...]. Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos (RECUERO, 2009, p. 24-25).

Atento às possibilidades de produção e distribuição de conteúdos pelos usuários, o *Jornal Nacional* passou a potencializar o processo de interação tecnológica por meio dos mecanismos ou ferramentas digitais. Desde novembro de 2010, o telespectador do telejornal tem a possibilidade de usar *hashtags* (#) para fazer comentários na rede social digital *Twitter* e em outras redes sociais digitais.

Tal possibilidade permitiu que os usuários participassem de debates e discussões na rede social digital, a qual permite uma interação em tempo real onde são repercutidos ações que acontecem no país e no mundo. Além das micromensagens, o *Twitter* disponibiliza a opção de compartilhar imagens e vídeos através de encurtadores de URL's. A rede social *Twitter* foi lançada em 2006 e permite que os usuários se utilizem do espaço de 140 caracteres para estabelecerem comunicação.

A pesquisadora Patrícia Brito Teixeira (2013, p. 37) afirma que a convergência das mídias aumentou com o surgimento da *Web* e é claramente percebido na relação TV e mídias sociais:

À medida que a programação da TV Globo vai seguindo, o debate vai surgindo nas redes sociais, em especial pelo *Twitter* – pelas próprias características do microblog em comentar assuntos diversos. Começa o *Jornal Nacional* com as notícias relevantes do dia, e o *Twitter* passa imediatamente a comentar, e os próprios apresentadores e repórteres estimulam o debate das matérias. Isto é muito claro em relação aos assuntos debatidos entre 20h15 e 21 horas de segunda a sábado, repercutindo a economia, a posição de um partido político, uma nova medida do governo, etc. Todos passam a participar e a debater.

A interação do *Jornal Nacional* com a rede social digital *Twitter* acontece diariamente, basta uma publicação com uma imagem dos apresentadores seguidos pelos caracteres: “Boa noite! O #JN está no ar!” para que seus seguidores comecem a fazer comentários e a criar debates, seja pelo conteúdo apresentado no dia anterior, acontecimentos do dia ou questionar a credibilidade do telejornal.

Como citado anteriormente, o fluxo de notícias na internet é maior e de fácil acesso, que conseqüentemente são compartilhadas e debatidas nas redes sociais digitais. Quando o assunto ganha repercussão nacional e tem relevância, o telejornal cumpre o papel de mediador da notícia, fazendo esclarecimentos ao abordá-lo.

Em maio de 2016 no Rio de Janeiro, relatos sobre um suposto estupro coletivo tomou conta das redes sociais digitais. As imagens do acontecimento foram compartilhadas por meio das plataformas de interação digital e rapidamente todos passaram a ter conhecimento sobre o assunto. O *Jornal Nacional* fez uma reportagem sobre o acontecimento e sua repercussão.

Esse acontecimento serve como exemplo para mostrar a força das redes sociais digitais. Diariamente são publicadas e compartilhadas notícias no *Facebook*, ferramenta esta que chegou ao Brasil no ano de 2011 e segundo dados divulgados pela imprensa do *Facebook* em abril de 2016, conta com mais de 102 milhões de usuários brasileiros ativos mensalmente²¹.

Segundo Coutinho (2009), o *Facebook* tem grande possibilidade de interação, pois é uma ferramenta que o usuário pode curtir, comentar e compartilhar textos ou

²¹ Luís Olivalves, diretor de parcerias do para mídia na América Latina da rede social afirma que esses usuários assistem mais de 100 milhões de horas de vídeo por dia na plataforma.

imagens suas ou de seus amigos. Sem limitação de caracteres, a ferramenta pode oferecer uma maior interação com o seu público.

Foto 11 – Página oficial do *Jornal Nacional* no *Facebook*.



Fonte: (Jornal Nacional, 2016)

“A tecnologia colocou na mão do cidadão mais do que o controle remoto que passa de um canal para outro. Antes, os chamados “canais” escolhiam a linha editorial de seus programas e as pessoas assistiam o que uma dúzia de empresas determinava”, afirma a revista *Meio e Mensagem*. Segundo a revista:

Programas de ficção, documentários e animações migraram para as plataformas cuja tecnologia permite que o usuário assista a seu programa favorito na hora e no local que lhe é mais conveniente (MEIO E MENSAGEM, 2016).

Desse modo, o telespectador pode deixar de assistir ao programa de televisão de forma síncrona, ou seja, no horário exato em que a edição é exibida, para ver na internet de forma assíncrona em plataformas digitais como a *fanpage* do programa, no site ou nos perfis nas redes sociais digitais.

Jenkins (2009, p. 167) nos fala sobre esse modelo transmídia da televisão:

Sob o modelo da televisão com hora marcada, às vezes descrito como “TV Obrigatória” (“Must See TV”, frase de uma campanha publicitária dos anos 1980 para as noites de quinta-feira na NBC), as redes buscavam telespectadores comprometidos que organizavam a vida de modo a estar em casa no horário certo para assistir a seus programas favoritos. [...] Em 2007, as redes estavam baseando suas decisões de programação num modelo híbrido, que combinava dados sobre os que assistiam ao programa durante a transmissão com os que assistiam depois (embora o valor dessa “mudança de tempo” tenha sido medido em termos de sua proximidade com o horário de transmissão programado). Os lucros provenientes dessas

plataformas alternativas tornaram-se cada vez mais importantes para financiar a produção de conteúdo.

Foto 12 – Página oficial do *Jornal Nacional* no *globo.com*.



Fonte: (Globo.com, 2016)

O *Jornal Nacional* passa a utilizar desse recurso a partir de 1º de novembro de 2014 na página do telejornal (*www.globo.com*). A edição passa a ser disponibilizada diariamente dividida por reportagens e as edições na íntegra somente para assinantes do site, sendo posteriormente aberto a todos que acessarem a página na *Web*. Essa reformulação na página permite que o usuário faça a recuperação de vídeos de edições passadas.

As edições são postadas ao final da veiculação de cada programa, além de serem transmitidas ao vivo pela plataforma multimídia *globo play*. Tal possibilidade permite que o usuário interaja diretamente no site ou nas redes sociais digitais, desse modo a estética do programa se adapta a esse novo modo de transmissão ao mudar seus enquadramentos e movimentos de câmera e logo a *performance* dos apresentadores.

Com a chamada Web 2.0²², a internet e dispositivos móveis ficaram cada vez mais acessíveis às pessoas; além da facilidade de ver toda a programação de uma emissora ou seu programa favorito em outro horário, é possível comentar, fotografar ou filmar um acontecimento e compartilhar em uma rede social digital, ou colocar nos *Trending Topics* (TTs)²³, usado na versão em português na rede social *Twitter* como “Assuntos do Momento”; segundo o pesquisador Maurício Coelho (2011), é o número de “*twitters*” com uma *hashtag* ou palavras que estão relacionadas com os assuntos em destaque que são disseminados por um vasto número de pessoas conectadas à ferramenta. Após isso acontecer, o assunto entra para a lista de assuntos mais populares do *Twitter*.

A disseminação de informação e mensagens se dá através de “*twittes*”, nome dado às mensagens enviadas na plataforma, que podem ser divididas em: informativos, opinativos, testemunhais e convocatórios.

O *Jornal Nacional*, assim como outros programas, tem seu perfil na rede social digital *twitter*, por meio do qual compartilha as matérias da edição ou os *links* que levam até o site da Rede globo (G1.com). No seu perfil no *twitter* (@jornalnacional) existe a seguinte descrição: *O primeiro telejornal brasileiro via satélite, líder de audiência há 4 décadas*”.

²² A Web 2.0 foi definida por Tim O’ Reilly, no texto “What is Web 2.0” como uma nova fase no desenvolvimento da World Wide Web (www), que se opõe a Web 1.0, por favorecer e promover a participação dos usuários. Esta plataforma aberta não possibilita somente que o usuário leia e navegue, mas que também produza a informação e mude o paradigma de produção de um para muitos, para uma produção de muitos para muitos.

²³ *Trending Topics* ou *TT’s* são uma lista em tempo real das palavras mais postadas no *Twitter* em todo o mundo. São válidos para essa lista as *tagtemas* e nomes próprios.<<http://twitter-brasil.hleranafesta.com.br/o-que-sao-trending-topics.htm>> Acesso em: 30/10/16.

Foto 13 – Página oficial do *Jornal Nacional* no *twitter*.



Fonte: (Jornal Nacional, 2016)

O telejornalismo tem a possibilidade de criar um setor específico que possa monitorar a participação dos usuários nas redes sociais digitais, bem como criar pontos de interesse que possa atrair o leitor/internauta para uma troca de informações junto à redação do telejornal. Segundo um estudo feito pela Semiocast – empresa francesa de pesquisas online – aponta que o Brasil é o segundo país com maior número de usuários no *Twitter*, com 33,3 milhões de contas. Assim, o telejornalismo parece ocupar também as redes sociais digitais, pois é onde as pessoas estão discutindo os assuntos que repercutem na mídia.

O Jornal Nacional já foi muitas vezes comentado e até chegou a ficar entre os *TT's*, mas, curiosamente, apenas por falhas técnicas e dos apresentadores. Além dos comentários dos usuários do *Twitter*, o jornalista William Bonner em agosto de 2016 também brincou com seus erros e com isso aumentava a repercussão na rede social digital.

Foto 14 – Prints da repercussão no *Twitter* da falha de William Bonner no *Jornal Nacional*.



Fonte: (William Bonner, 2016)

Neste tópico, tratamos da relação das mídias sociais digitais com o telejornalismo, da contribuição da internet, as diversas possibilidades de interação que o usuário/telespectador tem ao acessar a página do *Jornal Nacional* ou seus perfis nas redes sociais digitais e deixar de ser apenas um receptor passivo e passa a ser um produtor e distribuidor de conteúdos na internet.

O avanço da tecnologia e a facilidade de acesso à internet possibilitou a interação do telespectador com o *Jornal Nacional*. À medida que o telejornal adapta-se às plataformas, pode haver a alteração no modo de transmissão de conteúdo. Alex Primo (2011, p. 131) fala da possível alteração no telejornalismo com o barateamento da internet:

Hoje, com o barateamento e simplificação das formas de publicação na Internet, a informação se desgarrar do imperativo industrial. É através da potencialização da comunicação, dos afetos, do trabalho voluntário, dos movimentos de colaboração e das interações em redes que o jornalismo vai se transformando no contexto da cibercultura.

Portanto, essa facilidade de acesso permite ao telespectador seguir o telejornal nas redes sociais digitais e logo, comentar, compartilhar ou produzir conteúdo a partir das publicações do *Jornal Nacional* nas redes sociais digitais, como *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.

André Telles (2010, p. 48), pioneiro em *social media marketing* no Brasil, fala de como se dá essa interação nas redes sociais digitais quando um assunto é relevante para a população:

A maioria das redes sociais contém um conceito de um grupo – um conjunto de pessoas unidas por um interesse comum. Os membros do grupo podem compartilhar notícias e discussões e os administradores do grupo podem enviar mensagens privadas para qualquer um. Assim como a maioria das redes sociais permite que você crie um evento e convide seus amigos para participar.

As manifestações de junho de 2013 é um exemplo de como essa interação nas redes sociais digitais acontece e sua repercussão nos principais telejornais do Brasil e do mundo. Foi criado um grupo com interesse em comum na rede social digital *facebook*, em protesto ao aumento das passagens de ônibus municipais em São Paulo, que depois tomou proporções maiores e englobou outras reivindicações. O fato é que o grupo aumentou e levou milhares de pessoas às ruas graças à divulgação na internet e conseqüentemente teve a cobertura dos grandes telejornais do país e do mundo.

No tópico a seguir, trataremos das alterações estéticas ocorridas em abril de 2015 no telejornal *Jornal Nacional*, que vai desde a inclusão de uma linguagem mais coloquial dos apresentadores e repórteres até a mudança no cenário. As alterações serão apontadas e analisadas a partir da edição do dia 27 de abril de 2015, dia em que é inaugurada essa reformulação.

4.2 A estética e o contexto atual do *Jornal Nacional*

Em 27 de abril de 2015, a estética do telejornal *Jornal Nacional* muda e é apresentada ao telespectador a inclusão de uma fala informal dos apresentadores no trato com os repórteres, a ampliação do cenário, a diminuição da bancada, agora

com tampo de vidro, além de arte, como as siglas *JN* que antes ficava suspenso por trás dos apresentadores e agora é digital e movimento de câmeras com diferentes enquadramentos. A estética, o modo como o *Jornal Nacional* se apresenta aos brasileiros mudou.

Depois da escalada tradicional do *Jornal Nacional* que enquadra os apresentadores chamando as manchetes do dia, a câmera em plano geral destaca o apresentador deixando a bancada, andando até o monitor de plasma para conversar com o repórter. Essa mesma câmera acompanha em plano sequência e fecha a imagem em primeiro plano no apresentador para, logo em seguida, cortar para uma outra câmera no estúdio em plano americano, neste momento o apresentador está de lado para a cena e de frente para o repórter diante de uma tela de alta definição. Neste caminho, o apresentador situa o telespectador do que vai acontecer (VARGAS, 2015, p. 9-10).

Desde abril de 2015, o movimento da câmera na abertura começa de cima para baixo em frente aos apresentadores e não mais vindo da redação como a partir de abril de 2000 e se estendeu até 2015. A estética de apresentação do *Jornal Nacional* segue o mesmo padrão, como a escalada intercalada com as imagens das matérias que posteriormente serão apresentadas e cada apresentador em primeiro plano.

Além disso, as siglas *JN* foram retiradas, como apontado anteriormente, assim como o *mapa-mundi* que ficava ao fundo acima da redação. Com essas alterações, o telão teve sua dimensão ampliada e o cenário ganhou laterais azuis de *LED*²⁴, que funcionam como extensão da tela e transmitem a sensação de afunilamento (ilusão de perspectiva) em direção ao telão. Essas paredes mudam de cor de acordo com a imagem que é projetada.

Vale ressaltar que o novo *Jornal Nacional* foi inaugurado numa edição de segunda-feira, dois dias após ser exibida uma série de reportagens homenageando os 50 anos da Rede Globo.

Para melhor observarmos essas mudanças, abaixo, apresentamos duas imagens de edições distintas. A foto de número 15 pertence à edição especial do dia

²⁴ É um componente eletrônico semicondutor, ou seja, um diodo emissor de luz (*L.E.D = Light emitter diode*), mesma tecnologia utilizada nos *chips* dos computadores, que tem a propriedade de transformar energia elétrica em luz.

24 de abril de 2015, semana em que a Rede Globo comemorava seus 50 anos. Já na foto de número 16 do dia 27 de abril do mesmo ano, é possível ver o novo cenário.

Foto 15 – Edição especial em comemoração aos 50 anos da TV Globo no dia 24 de abril de 2015.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

Foto 16 – Edição com o novo cenário no dia 27 de abril de 2015.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

O espaço, mais amplo e claro, parece garantir e permitir que os jornalistas circulem pelo estúdio, transmitindo as notícias na bancada e também de pé, em diversos ângulos, em diversos ângulos, como aconteceu na edição em análise, em 27 de abril de 2015, quando a jornalista Renata Vasconcellos anuncia a previsão do tempo na bancada e caminha em direção ao telão: *Agora a gente vai ver a previsão do tempo, e de um jeito diferente, porque a partir de hoje quem vai tratar da previsão do tempo é Maria Júlia Coutinho que vai falar ao vivo e vai conversar todos os dias aqui com a gente no Jornal Nacional [...]*.

Nesta dinâmica, o apresentador e âncora William Bonner interage com a jornalista Maria Júlia e faz perguntas sobre o tempo em tom coloquial e eventualmente com alguma reação como risos e sinais não verbais de preocupação ou surpresa. As conversas em tempo real com os correspondentes e equipes de reportagem, realizadas através do telão tendem a ampliar a sensação de interação e proximidade.

De acordo com Memória Globo (2004), as notícias são transmitidas pelos âncoras, sentados ou de pé quando se deslocam até o telão, as câmeras aumentaram os ângulos, as conversas são em tempo real, feitas pelo telão, as informações meteorológicas são dadas ao vivo, direto da redação de São Paulo em alta resolução.

Como vimos no percurso histórico do telejornal *Jornal Nacional*, os enquadramentos de câmera eram restritos aos seguintes planos: plano fechado, primeiro plano e plano médio. No entanto, a partir de abril de 2015, novos enquadramentos passaram a ser explorados no telejornal, com as câmeras sendo colocadas em pontos estratégicos, como a câmera grua e outra colocada na diagonal da bancada.

Assim, o telejornal vai alternando de câmeras e planos, como o plano próximo ou (*medium close-up*) abrange do tórax para cima, este plano se assemelha muito ao plano médio em termos de narrativa. O plano próximo é muito utilizado no telejornalismo. Quando os apresentadores noticiam o acontecimento e a câmera fecha em cima da bancada, chamamos de primeiro plano (*close-up*) é a imagem do ombro para cima, neste plano o que importa é a expressão do personagem.

Para a escalada no início do telejornal e ao noticiar algo que causa indignação, geralmente é utilizado o plano próximo; o plano aberto é utilizado para mostrar o personagem, de corpo inteiro interagindo com o cenário, geralmente usado quando o apresentador vai até o telão conversar com os repórteres e o plano médio enquadra da cintura (mais ou menos) para cima, este plano possui ação e definição da emoção facial do personagem. O cenário se torna menos importante que o personagem.

Foto 17 – Novo ângulo diagonal, 2015.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

A bancada é usada como um apoio para os apresentadores e um referencial para o telespectador. As notícias sempre foram anunciadas a partir deste elemento cênico. Antes da reformulação de abril de 2015, a câmera fazia um movimento de aproximação em direção à bancada, que representava o telespectador indo sentar-se em frente à dupla de apresentadores. Uma simulação de um diálogo entre apresentadores e audiência.

Uma das principais inovações do novo formato do *Jornal Nacional* em 2015 foi um telão de alta definição inserido no cenário no espaço lateral. Esse recurso permite que o repórter apareça em tamanho real diante dos apresentadores e dá a sensação de estarem no mesmo ambiente, como uma extensão do estúdio, como ilustrado abaixo na figura 18. Essa ilusão é criada devido ao tamanho do telão e a segunda câmera²⁵ usada no *link* ao vivo, que permite o enquadramento de corpo inteiro. Os apresentadores e repórteres, desta maneira, protagonizam uma cena de intimidade com o público, ao mesmo tempo em que o deixam a par do que está acontecendo no Brasil e no mundo. Hipoteticamente, o telejornal *Jornal Nacional* busca um ponto de equilíbrio entre a inovação e a velha forma de contar histórias na televisão; tais estratégias de comunicação no telejornal buscam estabelecer uma familiaridade e uma fidelidade com o público jovem, além de renovar a audiência.

A linguagem, a tecnologia e a necessidade de dinamizar a apresentação, até então estática e com ênfase na palavra, agora mudou, e foi agregado mais um componente: o movimento corporal dos apresentadores e câmeras.

Foto 18 – Interação entre Renata Vasconcelos e Maria Júlia Coutinho através do telão, em 2015.



Fonte: (Arquivo TV Globo/Divulgação, 1996-2016)

²⁵ A segunda câmera utilizada durante o *link* ao vivo também foi uma inovação deste novo formato do *JN*, pois antes era feito apenas por uma câmera e um repórter em plano americano.

A nova *performance* na apresentação do *Jornal Nacional* em 2015, causou um certo impacto no telespectador. Um dos traços mais marcantes na edição do dia 27 de abril foi o deslocamento dos apresentadores até o monitor de plasma, dando um efeito de continuidade espacial que aproxima fisicamente do fato e nos remete a um sentimento de que algo vai acontecer.

O aparecimento do âncora do telejornal de corpo inteiro pode ser interpretado como uma das tentativas de aproximação do telejornal com o público, porém, com o corpo livre e a linguagem corporal perceptível, o apresentador não pode deixar que o corpo fale mais que a notícia.

A forma como o indivíduo aparece, se faz perceber, é cheia de significantes e significados, que - se conhecidos e usados de forma consciente - podem colaborar com o objetivo da comunicação em si e com o sucesso da mesma [...] Vale a pena ressaltar que o principal produto da emissora nos programas telejornalísticos é a notícia e o jornalista cumpre o papel de ser o transmissor dela, não devendo, portanto, interferir de forma drástica na imagem e no processo de comunicação como um todo (AQUINO, 2011, p.2).

A ação de sair da bancada e caminhar pelo cenário é de familiaridade, todo movimento do corpo é moderado, tanto as expressões faciais e a modulação da voz dos âncoras do telejornal são equilibradas. O corpo tem um grande significado e agrega valor ao produto, por isso destacamos a expressão corporal do andar como *performance* necessária. Segundo Eliseo Veron (1983, p. 13), “essa estratégia de interpelar e aproximar ainda mais o telespectador vem acompanhada de uma ampliação do cenário, com mais profundidade e com uma maior variedade de movimentos e enquadramentos de câmera”.

Além do movimento, a descontração na bancada, o plano aberto que mostra o desempenho dos apresentadores e a interação espontânea e visual que dá o tom na relação com os repórteres e comentaristas, podem colaborar para um sentido de continuidade, que até então não era visto no telejornal, quebrando o paradigma do “padrão Globo de Jornalismo”. A exemplo disso, na edição do dia 27 de abril de 2015, William Bonner troca o uso do “está” pela forma informal “tá” logo no primeiro bloco da

edição de estreia do novo formato ao falar sobre o terremoto que havia atingido o Nepal: *O Nepal tá quase nove horas na frente do horário de Brasília.*

Essa linguagem informal pode ser um sintoma do “*twitte*”, advinda da rede social *Twitter* que tem um limite de caracteres que pode ser digitado; é possível que o tom informal e lógica de condensação de informações do *Twitter* ‘contamine’ a estética do telejornal. A partir disso, identificamos possíveis ligações entre o uso da linguagem, meios digitais e seus usuários na construção de suas identidades.

Percebemos logo no primeiro bloco que os editores se preocuparam em mostrar ao telespectador a nova linguagem do *Jornal Nacional*, tornando-a mais acessível, além de inseri-lo no universo do telejornal. Especialmente nessa edição, cerca de 8 min. foram dedicados a imagens do estúdio e 17 min em média à interatividade entre os apresentadores e repórteres mediados pelo telão lateral.

O telejornal, supomos, utiliza de artifícios para deixar o telespectador mais próximo, com uma linguagem verbal presente no cotidiano da maioria dos brasileiros usando termos como “tá”, “oi”, “pra”. A linguagem corporal dos apresentadores e repórteres complementa a mensagem da sensação de proximidade.

Essas alterações ocorridas no ano de 2015 no *JN* surgem em um momento em que temos a intensificação e popularização das tecnologias de comunicação e informação digitais. A pesquisadora Elaide Martins (2012, p. 98) afirma que “as tecnologias digitais transformaram o modo de ver e de fazer televisão, possibilitando assisti-la nos mais variados suportes: da internet ao celular, do som do carro ao GPS”. E complementa:

A televisão, agora, acompanha o telespectador que, por sua vez, já pode colaborar, comentar, opinar e compartilhar mensagens devido à interatividade horizontal proporcionada pela internet. Essa participação ativa da audiência é a principal transformação do momento. Por isso, mais do que representar o resultado de uma significativa evolução tecnológica que vem sendo construída ao longo dos anos, a chamada “era digital” altera profundamente as relações sociais e o fazer jornalístico, descortinando novas linguagens, modelos e narrativas.

O telejornal usa as redes sociais digitais como um canal de interação, mas o telespectador tem poucas chances de pautar. Por outro lado, determinados assuntos

que são discutidos na internet são também pautados no telejornal. Isso, de alguma forma, revela que talvez não faça sentido separar o 'real' do 'virtual'. Trata-se de uma forte interconexão entre ambos.

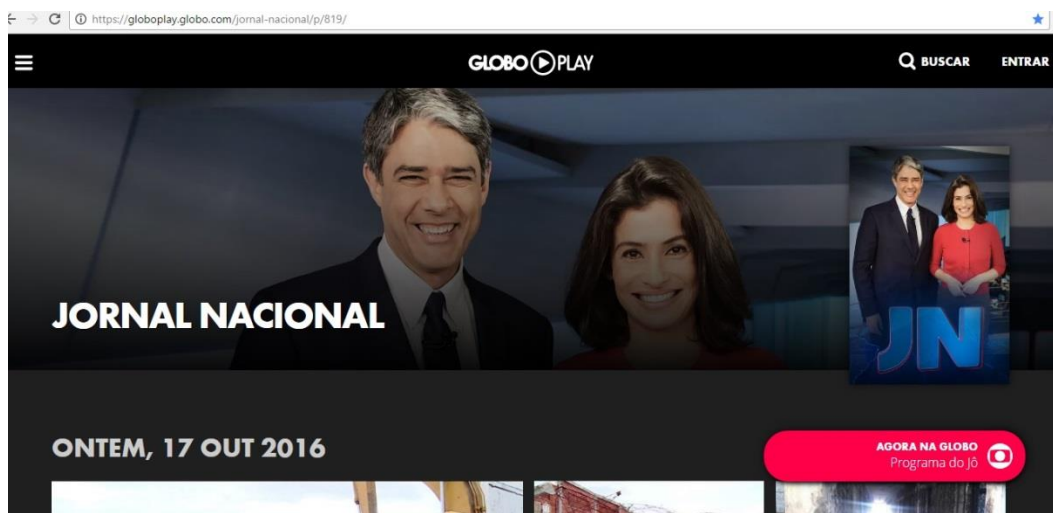
Neste tópico, abordamos a estética do *Jornal Nacional* após sua reformulação em abril de 2015, pontuando a dinâmica de apresentação do telejornal, a inclusão da linguagem informal, a ampliação do cenário, o movimento de câmeras e enquadramentos. A edição do dia 27 de abril de 2015 serviu como *corpus* para esta análise, onde apontamos a inclusão de um telão lateral que serve como fonte de interação entre âncoras e jornalistas em *links* ao vivo e laterais azuis em *LED* que funcionam como extensão da tela em direção ao telão.

No tópico a seguir, faremos a análise das edições do *Jornal Nacional* no período de 18 a 23 de julho de 2016, assim poderemos compreender sua reformulação a partir de sua estética.

4.3 *Jornal Nacional: corpus de análise*

Como apontado anteriormente, o *Jornal Nacional* usa de diversas plataformas de interação e distribuição de conteúdo, além das páginas e perfis nas redes sociais digitais, as edições do telejornal estão disponibilizadas na plataforma multimídia *Globo play*, que ainda dá a opção de acompanhar a programação ao vivo desde que o usuário esteja cadastrado.

Foto 19 – *Jornal Nacional* na plataforma multimídia *Globo play*.



Fonte: (Globo.com, 2016)

A pesquisadora Patrícia Medeiros de Lima (2012), afirma que a evolução dos meios de difusão foi configurada pelo desenvolvimento sociocultural das sociedades e a internet foi uma das responsáveis por esse processo, por trazer comunicação rápida, instantânea e a dinâmica entre os indivíduos. Portanto, o avanço tecnológico fez surgir novas formas de interação social digital.

As interações do público com as informações e os veículos que as disponibilizam podem ser vantajosas para ambos os lados. Enquanto os cidadãos podem se sentir mais ativos, participantes e valorizados, a empresa ganha mais reconhecimento, credibilidade e mesmo pontos de audiência se fizer um trabalho bem feito (COUTINHO; CHAVES; VIEIRA, 2012, p. 12).

Além das plataformas de interação, como o site e as redes sociais digitais, o telejornal *Jornal Nacional* parece se aproximar do telespectador também através da experiência estética que altera sua percepção, como a *performance* dos apresentadores e repórteres, linguagem coloquial e corporal; e as sequências visuais, como cenário, planos e movimentos de câmera.

Propomos aqui, uma breve análise das qualidades estéticas e dos recursos tecnológicos implantados no *Jornal Nacional*, que acionam a percepção dos telespectadores e os aproximam do telejornal.

O período compreendido para a análise é a semana de 18 a 23 de julho de 2016, suas modificações ao longo das edições serão apontadas para compreender os motivos que levam o *Jornal Nacional* ser considerado, segundo o Ibope (2015), um dos telejornais com maior alcance em todo o país.

A edição do *JN* do dia 18 de julho de 2016 teve 38 min e 35 seg de duração, a abertura começa com a câmera em plano médio que se movimenta de cima para baixo, se aproximando em *zoom in* dos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcelos que simultaneamente saúdam os telespectadores com o “boa noite”. O corte é feito para William Bonner que começa com a escalada plano próximo, alternando com imagens da matéria que posteriormente será exibida na edição do telejornal, seguido pela jornalista Renata Vasconcelos.

A escalada é feita em 1 min, logo após, a câmera em plano geral mostra os apresentadores e o cenário, destacando a redação ao fundo composta por mesas com computadores e diversas pessoas transitando pelo espaço. A vinheta de abertura do *Jornal Nacional* anuncia o início do telejornal. Em relação ao cenário, predomina a cor azul, bancada menor com tampo de vidro, telão e laterais de LED complementam a reformulação.

Neste primeiro momento do *Jornal Nacional*, um possível acionamento da percepção do telespectador é ativada na medida em que as reformulações foram realizadas.

Essa função perceptiva do telespectador pode ser acionada tanto ao ver um novo cenário ou uma nova linguagem do programa, aí estão inclusos a fala dos apresentadores e repórteres.

Em relação ao tempo das matérias, pode variar de acordo com assunto que carrega em si controvérsias, que embora relevantes, não são pertinentes nesta discussão. A primeira do dia 18 de julho teve a duração de aproximadamente 2 min e 35 seg. Logo após, uma sequência de notícias internacionais é apresentada no telejornal com variação de 1 a 1 min e 10 seg. de duração por cada matéria. O primeiro bloco do telejornal *Jornal Nacional* teve a duração de 14 min e 55 seg.

No segundo bloco do *JN*, a jornalista Renata Vasconcelos se desloca até o telão para apresentar uma reportagem especial sobre as Olimpíadas Rio 2016. A saída da bancada, como enfatizado anteriormente, foi uma das mais significantes mudanças no telejornal, desta vez, além da ida até o telão, há uma interação entre a apresentadora e a repórter que apresenta a previsão do tempo.

De um ângulo lateral e em plano sequência, ou seja, sem cortes, a câmera segue a jornalista Renata Vasconcelos até o telão para interagir com a repórter Eliana Marques que está em outro estúdio em São Paulo. A duas em plano médio, nos dá a sensação de estarem no mesmo ambiente devido o jogo de câmeras nos dois estúdios. Ao final de cada bloco, um dos apresentadores anuncia a próxima reportagem, que vai ao ar após o intervalo, que conseqüentemente abre o bloco seguinte.

No terceiro bloco, é a vez do jornalista William Bonner interagir com o repórter mediado pelo telão, desta vez um correspondente nos EUA fala em tempo real sobre as eleições presidenciais. Os blocos três e quatro são mais curtos e logo em seguida é feito o encerramento, os créditos sobem em plano geral e a câmera faz um movimento de aproximação que passa pela bancada e termina mostrando a redação.

A edição do *JN* do dia 19 de julho de 2016 segue o mesmo padrão de abertura e escalada, os mesmos enquadramentos e movimentos de câmera. Composto por quatro blocos e com duração de 40 min e dois apresentadores em uma bancada composta por computadores, que antes ficavam ocultos ao telespectador.

A pesquisadora Ruth Vianna (2000, p. 54) em artigo que fala sobre o estudo da linguagem audiovisual, textual e narrativa, examina a questão da palavra, da imagem e do som. No artigo, a autora fala da estrutura de um telejornal e o impacto causado no telespectador:

Os telejornais foram divididos em bloco, com matérias chamadas de suaves ou duras, produzindo um ritmo interno dos temas noticiados que assim permitem chamar a atenção do telespectador de forma repetitiva causando impacto, emoção e ao mesmo tempo, tranquilizando após esforços exaustivos produzidos pelas notícias. O nível de maior atenção do telespectador se dá na abertura dos telejornais com as chamadas das manchetes; decrescendo este nível de atenção com a chamada do 2º bloco, que volta a ser elevado na chamada das matérias do 3º bloco; voltando a cair e só retomando a ascender à atenção, do telespectador, na chamada para os últimos blocos.

Além dos componentes do cenário, há também a inserção gráfica que criam novos espaços na cena, que vão desde o cenário virtual até o espaço natural apresentado de acordo com a reportagem. Quando não há matéria gravada, ao tempo que o apresentador ler a matéria no *teleprompter*, é colocada a imagem no telão por trás da bancada representando o assunto em destaque.

A predominância no cenário é da cor azul com detalhes cinza, que pode passar uma sensação de tranquilidade e veracidade à sociedade. Em outras palavras, Dallegrave (2007, p. 6), afirma que:

Esta cor dá aspecto de profundidade, sensação de movimento para o infinito, isso remete a grandiosidade do telejornal em vários aspectos. Passa também tranquilidade. Algumas de suas associações afetivas são: espaço,

fidelidade, verdade, confiança, intelectualidade e advertência. Essas associações nos mostram algumas verdades de fácil assimilação com o JN.

Além da cor azul vista em todo o cenário, desde a bancada até a redação, apontamos também os enquadramentos que são presentes em todas as edições, como se fossem “padrões”. O plano aberto, por exemplo, mostra o desempenho dos apresentadores, interagindo e colaborando para um sentido de cotidianidade.

Em plano sequência, a câmera acompanha a apresentadora até a tela plana para interagir com a repórter. A edição do dia 19 de julho contou com 5 blocos e o encerramento mudou, com a câmera fixa na lateral enquadrava os apresentadores e a redação enquanto os créditos subiam.

A edição de quarta-feira costuma ser mais curta, devido à transmissão dos jogos de futebol. A dinâmica é rápida e as notícias têm menor tempo de duração, neste dia o telejornal foi apresentado em 25’.

O movimento de câmeras utilizado no deslocamento do apresentador ao telão é um dos mais perceptíveis e pode ser usado como uma forma de aproximação com o repórter e o telespectador. Esse movimento nos dá a sensação de que algo que vai acontecer na sequência pode prender a atenção do telespectador.

O encerramento dessa edição do dia 20 de julho seguiu com a câmera fixa do lado direito da tela, mas em plano médio e dessa vez se afastando da bancada até ficar em plano geral.

Possivelmente padronizada a abertura e escalada, a edição de quinta-feira, dia 21 de julho, mudou o ângulo das câmeras. Após a vinheta de abertura, a câmera surge centralizada em plano geral e vai se aproximando da bancada com o *zoom in*.

O terceiro bloco já inicia com jornalista William Bonner ao lado do telão com repórter Maria Júlia para fazer a previsão do tempo, com uma linguagem informal saúda a repórter que já inicia o quadro no telejornal.

Ao fazer o encerramento, os dois apresentadores se levantam e saem do estúdio configurando uma proximidade com o telespectador, e enquanto isso, a câmera vai se deslocando até fechar na redação.

O plano fechado é utilizado no *Jornal Nacional* quando a câmera enquadra um dos apresentadores, que noticia o acontecimento e logo atrás é reproduzida uma imagem associada ao assunto, como apontado em outra edição.

A duração das reportagens desta sexta-feira, dia 22 de julho, varia de 1 a 2 min e 50 seg. Logo no primeiro bloco, a jornalista Renata Vasconcelos faz contato com um correspondente em Nova York e se desloca até o telão. A edição teve a duração de 38 min. divididos por cinco blocos e no quarto bloco a jornalista volta ao telão, mas desta vez para falar da previsão do tempo.

Por fim, a edição de sábado, dia 23 de julho, como de costume desde os primórdios do *Jornal Nacional*, é apresentado por outros jornalistas que vão se alternando a cada semana. Esta edição foi apresentada pelos jornalistas Alexandre Garcia e Giuliana Morrone.

Os enquadramentos e movimentos de câmera são seguidos como padrão, assim como o deslocamento da apresentadora até o telão para a previsão do tempo e da série de reportagem sobre as olimpíadas do Rio 2016. O último bloco foi dedicado aos campeonatos de futebol e, em seguida, o encerramento em plano geral.

Como podemos observar por meio do *corpus* apresentado do telejornal *Jornal Nacional*, dentre as alterações estéticas ocorridas no telejornal, destacamos os enquadramentos, o movimento de câmeras, a configuração do cenário, a interação entre os repórteres externos por meio de link no telão, os movimentos de corpos de apresentadores, a linguagem verbal mais coloquial, a comunicação não verbal expressa nos rostos e corpos dos apresentadores.

Essa reformulação no *Jornal Nacional* parece ter como meta principal a de aproximar-se do telespectador. A dinâmica das câmeras e dos apresentadores tende a promover uma maior identificação do público com o telejornal, criando a sensação de um diálogo informal entre os apresentadores e o telespectador. Martino (2016, p. 16) ao falar da relação entre estética e comunicação, afirma que a estética, além de ativar a percepção, é um processo eminentemente relacional.

Em função disso, conclui-se que esteja menos ainda ligada a uma apreensão sensível do que quer que seja. Neste primeiro momento, mais do

que a um desdobramento vinculado ao Belo, o domínio do estético vinculava-se à fisiologia da percepção sensível.

Partindo desse princípio, essas alterações ocorridas em abril de 2015 podem colaborar para tornar a comunicação com a audiência mais próxima. Como vimos, essa audiência está inserida de forma ativa em um contexto interativo e instantâneo que a posiciona como colaborativa, participativa, produtora e opinativa. Neste sentido, o que podemos observar que não se trata da derrota do telejornal tradicional, mas a construção de um gênero de programa que é impulsionado a renovar constantemente sua estética que deve incluir a lógica da comunicação e informação digitais. Ou seja, não é mais possível considerar o telespectador como simples receptor passivo, e sim como um produtor e distribuidor de conteúdo graças à possibilidade de interagir em meio às redes sociais digitais.

4.4 Quadro estético do *Jornal Nacional* de 2011 a 2015

O quadro a seguir tem o objetivo de evidenciar de forma resumida, as alterações estéticas ocorridas no telejornal *Jornal Nacional* durante o período compreendido entre os anos de 2011 e 2015 abordadas neste capítulo. Como no capítulo anterior, o quadro está composto pelas modificações no cenário, o número e os movimentos de câmeras, apresentadores, figurinos e suas performances, número de blocos, duração das matérias, dinâmica de abertura e reportagens, recursos gráficos e tecnológicos.

Quadro 2 – Principais alterações estéticas do *Jornal Nacional* de 2011 a 2015.

Recursos estéticos	2011 a 2015
Cenário	Traços <i>high-tech</i> são aplicados sobre o mezanino; maquete eletrônica em 3D na previsão do tempo; ampliação do cenário; diminuição da mesa com tampo de vidro; monitor de plasma; permanência da cor azul no cenário.
Câmeras	Quatro câmeras.
	Plano americano; <i>traveling</i> ; primeiro plano; <i>zoom in</i> ; plano

Movimentos de câmera e enquadramentos	geral; plano próximo; plano contínuo.
Apresentadores	Dois jornalistas: William Bonner e Patrícia Poeta (2011). William Bonner e Renata Vasconcelos.
Figurino	Traje Social – terno e gravata (mantém-se o padrão de figurino).
Performance	Informal, mais próxima ao telespectador.
Blocos	5 blocos
Matérias	De 45" a 2'30".
Abertura	Escalada, ao vivo, intercalando imagens e vídeos das matérias.
Reportagem	Entrada de repórteres, ao vivo. Matérias gravadas.
Recursos gráficos	Logotipos e imagens digitais ao fundo.
Recursos tecnológicos	Retirada do <i>mapa-mundi</i> e extensão do telão, laterais em <i>LED</i> , monitor de plasma, previsão do tempo, ao vivo, direto de São Paulo com uma linguagem mais coloquial; uma segunda câmera é usada no <i>link</i> ao vivo.

Fonte: O autor (2016)

Com esse quadro podemos observar os recursos estéticos implantados no *Jornal Nacional*, objetivamente, vimos as alterações se deram em relação à tecnologia como, por exemplo, as imagens em 3D projetadas no telão digital e sua extensão, a previsão do tempo. E na linguagem, que ficou mais coloquial e é percebida na interação dos apresentadores com os repórteres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordado, o telejornal *Jornal Nacional* passou por diferentes modificações estéticas ao longo de seus 47 anos. A princípio, vemos as dificuldades tecnológicas e a busca pela linguagem televisiva. O telejornal apostou na agilidade, na notícia curta e objetiva e na postura formal do apresentador.

O *Jornal Nacional* tem sua trajetória marcada por diversas reformulações estéticas, seja pela inclusão contínua de recursos tecnológicos ou pela troca dos apresentadores. Em 27 de abril de 2015, presenciamos, no entanto, reformulações estéticas significativas, tais como, o deslocamento dos apresentadores, que agora aparece de corpo inteiro na tela, a previsão do tempo passou a ser transmitida ao vivo por *link*, o texto verbal-oral mais coloquial e a interação entre jornalistas e repórteres.

A evolução do telejornalismo deve-se tanto à tecnologia das câmeras, equipamentos e suportes digitais, quanto na atuação dos jornalistas, que além de apresentadores, atuam como editores e produtores, tornando-se capazes de interferir no roteiro do programa. Como vimos no decorrer de nossa pesquisa, os primeiros apresentadores de telejornais na televisão eram locutores que vinham do rádio e não tinham a mesma habilidade com a linguagem audiovisual, mas ao poucos foram se adaptando ao formato.

As alterações estéticas do telejornal *Jornal Nacional*, assim como as edições analisadas confirmam nossas hipóteses. No atual contexto em que o telejornal dispõe de plataformas multimídias e perfis em redes sociais nas quais disponibiliza conteúdos diversos, o telespectador tem a possibilidade de interagir, seja compartilhando informações ou produzindo conteúdo a partir destas.

A ampliação do cenário, o telão digital, os enquadramentos e movimentos de câmera explorados pelo telejornal nesta nova reformulação, podem ser vistos como uma tentativa de aproximação com o telespectador e também como resultado de uma percepção que entende que tão importante quanto o conteúdo, é como este é apresentado ao telespectador.

Portanto, foi possível compreender que as reformulações ocorridas em abril de 2015 no telejornal *Jornal Nacional* apontam para uma preocupação

contemporânea dos profissionais envolvidos na concepção e produção deste gênero de programa em descobrir formatos e estéticas que dialoguem com o telespectador ativo, ou seja, inserido no contexto de sociedade em rede e inúmeras plataformas de informação.

REFERÊNCIAS

A internet x televisão x redes sociais. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna=31&id_coluna_texto=3755> Acesso em: 20 de out. 2016.

ALVES, Vida. **TV Tupi: uma linda história de amor.** São Paulo: IMESP, 2008.

AMORIM, Paulo Henrique. **O quarto poder – uma outra história.** São Paulo: Hedra, 2005.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Moda e telejornalismo: o papel do figurino na construção da imagem de credibilidade do jornalista de televisão.** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia – PPGEM/UFRN. Ano VII, n. 03 – Março/2011.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.

Assis Chateaubriand. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/assis-chateaubriand/biografia>> Acesso em: 20 de maio 2016.

Atentados de 11 de setembro. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/atentados-de-11-de-setembro.htm>> Acesso em: 21 de maio 2016.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo - Os Segredos da Notícia na TV.** São Paulo: Campus Elsevier, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

Bom dia Brasil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/04/conheca-historia-do-bom-dia-brasil-desde-estreia.html>> Acesso em: 22 de maio 2016.

BONNER, Willian. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Globo livros, 2009.

BORELLI, Silvia H. S.; PRIOLLI, Gabriel. **A Deusa Ferida: Por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus, 2000.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília : Secom, 2014.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Lins. **As interações do público no telejornal com o uso das redes sociais**. Revista Científica Ciência em Curso – R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 2, n. 1, p. 59-70, jan./jun. 2013.

_____. **O Telejornalismo Estendido nas Redes Sociais: Participação ou Interação?** Ação Midiática. Estudos em comunicação, sociedade e cultura. Nº 7. Ano 2014.

CANDA, Cilene Nascimento. **A arte e a estética em Hegel: reflexões filosóficas sobre a autonomia e a liberdade humana**. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia. Volume 03 -Número 06 - Ano 201, 2011.

Caso *time-life*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm>> Acesso em: 14 de set. 2016.

COELHO, Maurício. **O que são e como funcionam os Trending Topics**. 2011. Disponível em: <<http://tecnologia.ig.com.br/o-que-sao-e-como-funcionam-os-trending-topics/n1597175643026.html>> Acesso em 10 de out. 2016.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do Telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

_____; CHAVES, Roberta Braga; VIEIRA, Allana Meirelles. **Telejornalismo e as Redes Sociais: Como o Repórter Brasil atua junto ao Twitter e Facebook**. Intercom – XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012.

Costa, Francisco José da; MUZZIO, Henrique. **Para além da homogeneidade cultural: a cultura organizacional na perspectiva**. Subnacional Cadernos EBAPE.BR, 2012.

DALLEGRAVE, Karolina. **Estudo de casos dos telejornais “Jornal Nacional” e “SBT Brasil”: Linguagem verbal e não-verbal dos apresentadores**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo, 2007.

Década de 1950. Disponível em: <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/dec50.htm>> Acesso em: 20 de maio 2016.

Década de 1970. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/mobile/obra/jornalismo-2.htm>> Acesso em: 29 de set. 2016.

Década de 1980. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1980/detalhes-do-topico.htm>> Acesso em: 27 de maio 2016.

Década de 1990 – ESPORTE. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1990/esporte.htm>> Acesso em: 01 de jun. 2016

Década de 1990 - JORNALISMO. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-1990/jornalismo.htm>> Acesso em: 23 de jun. 2016.

Década de 2000. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/tv-globo/decada-de-2000/detalhes-do-topico.htm>> Acesso em: 21 de maio 2016.

DUTRA, Gustavo Abreu. **O Jornal Nacional na tevê e na web: um estudo sobre a remediação das narrativas jornalísticas**. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

Facebook **Jornal** **Nacional.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/JornalNacional>> Acesso em: 20 de set. 2016.

Facebook. Disponível em: <<http://www.convergence.com.br/facebook-tem-mais-de-100-milhoes-de-usuarios-no-brasil/>> Acesso em: 30 de out. 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Radiojornalismo no Brasil: do noticiário à convergência, alguns fragmentos históricos.** In: MOREIRA, Sonia Virginia (Org.). 70 anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2011. p. 17-41.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1622398-jornal-nacional-vira-informal-para-deter-queda-de-audiencia.shtml>> Acesso em: 28 de out. 2016.

GADRET, Débora Lapa. **As Qualidades Estéticas do Telejornalismo e a Construção da Emoção na Reportagem.** Intercom - XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Itânia Maria Mota. **Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão.** ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5. NP 07. Comunicação Audiovisual, 2005.

GOMES, Itânia Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo.** Organizadora. - Salvador : EDUFBA, 2011.

HAMBURGER, Ester. **História da vida privada no Brasil.** São Paulo, Companhia das Letras, 1998. v. 4.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. 2ª Ed. **Cursos de Estética.** [Tradução: Marco Aurélio Werle]. Edusp: São Paulo, 2001.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. [Tradução: Paulo Meneses com a colaboração de KarlHeinz Efen]. Editora Vozes Ltda.: Petrópolis, 1992.

_____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome**. Volume I. Tradução: Artur Mourão. Edições 70: Lisboa, 1988.

HERTZ, Daniel. **A História Secreta da Rede Globo**. Porto Alegre : Tchê, 1987.

IBOPE. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/Paginas/home.aspx>> Acesso em: 20 de maio 2016.

INFOBRASIL. Disponível em: <<http://www.infobrasil.inf.br/noticia/brasil-ja-e-o-segundo-pais-em-numero-de-contas-no-twitter>> Acesso em 22 de out. 2016.

Internet banda larga. Disponível em: <<http://comunicacoes.xpg.uol.com.br/bandalarga.htm>> Acesso em 20 de out. 2016.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

KLÖCKNER, Luciano. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

LEMOS, André. Cibercidades. In: LEMOS, A.; Palacios, M., **Janelas do Ciberespaço**. Comunicação e Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2000.

_____. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia / André Lemos e Pierry Levi** – São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, J. G. de. **A Guerra atrás das câmeras**. Veja. São Paulo: Editora Abril, ed. 1869, n. 35, 1 set. 2004. p. 100-108.

LIMA, Luanda Giffoni de. **A ciência no jornal nacional: um estudo de inspiração etnográfica**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012.

LIMA, Patrícia Medeiros de. **Reconfiguração na prática jornalística: o jornalismo na era das redes sociais.** Revista eletrônica Temática, Ano VIII, n. 11 – Novembro/2012.

LORÊDO, João. **Era uma vez... a televisão.** São Paulo: Allegro, 2000.

LUPORINI, Marcos Patrizzi. **O uso da música no telejornalismo: análise dos quatro telejornais transmitidos em rede pela TV Globo.** Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Aproximações entre Estética e Comunicação: aberturas possíveis e diálogos entre os conceitos.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 36, p. 14-29, maio/ago. 2016.

MARTINS, Elaide. **Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel.** Brazilian Journalism Research – Universidade Federal do Ceará – V. 8 – Nº 2 - 2012.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política.** 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEIO E MENSAGEM. Disponível em:
<<http://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2016/10/13/tendencia-on-demand-ainda-ha-saida-para-os-canais-tradicionais.html>> Acesso em: 21 de out. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MENDES, Conrado Moreira. **O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MESQUITA, Giovana Borges. **Já não se faz notícia como antigamente: as mudanças que a audiência tem provocado na relação com o jornalismo.** Intercom - XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

O telejornalismo de vanguarda. Disponível em: <<https://caminhosdojornalismo.wordpress.com/producao-em-tv/introducao-producao-em-tv-noturno/telejornais/o-telejornalismo-de-vanguarda/>> Acesso em: 26 de set. 2016.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na tv: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Patrícia Poeta deixa o Jornal Nacional. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2014/09/patricia-poeta-vai-deixar-o-jn-renatavasconcelos-assume-bancada.html>> Acesso em: 01 de jun. 2016.

PEREIRA, Ingrid Borges Duarte. **A nova cara do telejornalismo na globo.** Universidade de Brasília, dezembro, 2015.

PEREIRA, R. V. V. **A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação dos telejornais: em busca da identidade e aproximação com o telespectador – uma análise do MGTV Primeira Edição.** 2013. 233 f. Dissertação – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

PORTO, Mauro P. **Novos apresentadores ou novo jornalismo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira.** Comunicação e Espaço Público, Brasília, v. 5, n. 1/2, 2002 p. 9-31.

PORTO E SILVA, Flávio Luiz. **Melodrama, folhetim e telenovela – anotações para um estudo comparativo.** FACOM - nº 15 - 2º semestre de 2005.

Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm> Acesso em: 21 de maio 2016.

Primeiro filme – Enquadramentos. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>> Acesso em: 28 de out. 2016.

PRIMO, Alex. **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo.** Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

_____. **Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, p. 130-146, dez. 2011.

_____. **Interação mediada por computador.** Sulina: Porto Alegre, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Sulina: Porto Alegre, 2009.

REDE TUPI DE TELEVISÃO. Disponível em: <<http://redetupitv.blogspot.com.br/>> Acesso em: 11 de set. 2016.

Repórter Esso – última edição no rádio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JLgzG4-qnGc>> Acesso em: 25 de out. 2016.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marcelo; SACRAMENTO, Igor. **História da televisão no Brasil.** Rio de Janeiro: Contexto, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir.** São Paulo: Educ, 2008.

SCORALICK, Kelly. **Das ondas do rádio para as antenas da tv.** Juiz de Fora-MG. 6º Encontro Nacional da UFRGS, 2008.

SECOM – **Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.** <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas->

equalitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf.>
Acesso em: 20 de jul. 2016.

SILVA, Camila Pérez Gonçalves da. **Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística**. Revista eletrônica Temática, Ano V, n. 06 – junho/2009.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Edna de Mello. **As imagens do Telejornal Imagens do Dia: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia – Unicentro, Guarapuava-PR, 2011.

SILVA, Fernando Firmino da. **Smartphones e tablets na produção jornalística**. Revista Latino-americana de jornalismo Âncora. João Pessoa – Brasil. Ano 1, V.1, nº.1, jul./dez. 2014.

TAVARES, Olga e BÓRIO, Pâmela. **Prosumer e telejornalismo digital**. Revista Latino-americana de jornalismo Âncora. João Pessoa – Brasil. Ano 1, V.1, nº.1, jul./dez. 2014.

TELEDRAMATURGIA. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/2-5499-ocupado/>> Acesso em: 21 de maio 2016.

TEIXEIRA, Patrícia Brito. **Caiu na rede. E agora? Gestão e gerenciamentos de crises nas redes sociais**/Patrícia Brito Teixeira. – São Paulo: Évora, 2013.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais - cases, conceitos, dicas e ferramentas - Estratégias de marketing digital poderosas para você e sua empresa terem sucesso nas mídias sociais**. São Paulo: M. Books, 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TWITTER JORNAL NACIONAL. Disponível em: <<https://twitter.com/jornalnacional?lang=pt>> Acesso em 21 de out. 2016.

TWITTER. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/twitter/>> Acesso em 20 de out. 2016.

Vargas, Heidy. **A bancada do Jornal Nacional já não é mais a mesma: reflexões acerca da mise-en-scène na apresentação.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015.

VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/a-revolucao-nojornal-nacional-em-numeros/>> Acesso em: 29 de out. 2016.

VERON, Eliseo. **Il est là, j ele vois, il me parle.** Revue Communications, Paris, n. 38, 1983.

VIANNA, Ruth. **La palabra, la imagen y el sonido.** Estudio de los informativos televisivos de Brasil y España. Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2000.